

UMA AVENTURA INÉDITA NO MUNDO DO VIDEOJOGO  
BESTSELLER UNCHARTED

# UNCHARTED™

## O QUARTO LABIRINTO

*Tradução de Maria João Trindade*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*

CHRISTOPHER GOLDEN



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina



*Para o meu amigo, Jim Moore*



## AGRADECIMENTOS

Devo agradecer à minha excelente editora, Tricia Pasternak, pelo seu trabalho árduo e pela sua paciência, e à fantástica diretora criativa da Naughty Dog, Amy Henning, pelo seu apoio e entusiasmo.

Agradeço também ao meu fantástico agente, Howard Morhaim, pela sua perspicácia, compreensão e conselhos sábios. Por último, mas não menos importante, agradeço a Rio Youers pela música e por adorar Nate Drake tanto como eu.



# 1

Os pássaros tropicais dispersaram quando Drake desviou o jipe por um velho caminho esburacado, partindo ramos e rasgando videiras, abrindo caminho pela floresta tropical com assassinos a persegui-lo, balas a voar, uma rapariga linda mas a fazer beicinho no lugar de passageiro, e uma tremenda dor de cabeça. Com apenas uma mão no volante, o jipe guinou para a esquerda, e a rapariga amuada gritou quando ele obrigou o veículo a voltar ao caminho, mesmo antes de baterem numa árvore caída.

Nathan Drake começava a detestar a selva.

Olhou de relance pelo retrovisor instantes antes de uma bala o estilhaçar, obrigando-o a arriscar-se a olhar por cima do ombro. Havia três veículos a persegui-los: um camião pesado que tinha ficado para trás e dois jipes iguais ao que ele conduzia; o que fazia sentido, tendo em conta que este estava estacionado junto a eles quando o roubara.

A selva fechara-se à sua volta, um emaranhado selvagem de floresta tropical a que as pessoas do Equador chamavam *El Oriente*; o que lhe parecia um nome bastante normal para um local cheio de coisas que o poderiam matar — como os brutos filhos da mãe que eram contratados por barões de droga sul-americanos chateados como tudo.

O caminho esburacado por onde entrara obrigou os três veículos a seguirem em fila indiana; o que era bom, pois assim apenas os ocupantes de um dos veículos podiam disparar sobre ele de cada vez. As balas rasgavam folhas e partiam ramos, o jipe tremia para cima e para baixo e Drake, rangendo os dentes, mantinha a cabeça baixa.

— É esta a tua ideia de um salvamento? — gritou a rapariga.

Drake olhou de relance para os olhos arregalados dela, para a sua bonita boca e para a sua pele suave cor de canela, e decidiu que não gostava de canela. Na sua opinião, estragava uma boa tosta.

— Que raio te faz pensar que isto é um salvamento? — disse Drake bruscamente.

A rapariga empalideceu um pouco ao ouvir aquilo, e depois estreitou os olhos.

— Talvez o facto de estares aqui, a salvar-me.

Drake riu-se, mas depois o seu sorriso desapareceu quando ouviu balas a fazer ricochete no metal da traseira do jipe. O pneu sobresselente que estava preso atrás rebentou, mas essa era uma visão bem melhor do que perder um dos pneus que estava realmente a usar.

— Isto *parece-te* um salvamento? — perguntou. — Vieste à boleia por acidente, querida.

Na verdade, não fora totalmente por acidente. Drake tinha-se infiltrado no complexo da floresta tropical onde Ramón Valdez costumava esconder-se do resto do mundo, gerindo o seu cartel de droga a partir de um sítio tão remoto que ninguém queria ir caçá-lo lá. *Ninguém com dois dedos de testa*, pensou Drake. Isso não o impedira de seguir o rasto de Valdez por duas vezes em três anos.

Não gostava de trabalhos que envolvessem roubos descarados, por razões que se percebiam melhor pela situação que se desenrolava em seu redor nesse preciso momento. Mas, no caso de Ramón Valdez, abrira uma exceção porque alguém já tinha reclamado o artigo que ele tinha sido contratado para roubar. Já o tinha roubado antes.

A rapariga fora um percalço no seu plano. Tinha-a encontrado amarrada no quarto de Valdez e tencionara deixá-la lá, até que as suas tentativas para se libertar lhe deram a entender que talvez ela não estivesse a participar no seu cativeiro de livre vontade. Isso complicara bastante as coisas, porque o *timing* era vital para o plano de Drake. Durante alguns segundos, tentou convencer-se a si mesmo de que não se arrependeria de a deixar ali — que a luta dela era uma espécie de teatro que tinha ensaiado para benefício de Valdez — mas, quando começou a afastar-se, soube que estava a mentir a si mesmo. Drake reconhecia uma prisioneira quando a via.

— O que estavas ali a fazer, sequer? — perguntou Drake, guinando o volante para a direita.

— Férias — disse ela, com aquele tom amargo de “és mesmo burro” que as raparigas pareciam aperfeiçoar tão cedo. — O que achas?

— Não é bem essa a questão — disse Drake.

Uma explosão de tiros destruiu as árvores à sua esquerda; as poucas



últimas balas pontilharam o lado do jipe e depois rebentaram com um farol traseiro. Uma arara explodiu a meio do seu voo, numa explosão crivada de balas, de sangue e penas.

— Se calhar devias concentrar-te na condução? — perguntou a rapariga com uma expressão de pânico, enquanto se baixava ainda mais no seu assento. — Como podes estar tão calmo?

— Oh, isto não sou eu calmo — disse Drake, girando o volante para contornar uma árvore caída. O jipe passou com estrondo por cima de arbustos e raízes, e deitou abaixo uma enorme mafumeira. — Isto sou eu aterrorizado. Dá para perceber pelos nós dos dedos esbranquiçados e pela dor que tenho no maxilar de tanto o apertar.

A rapariga olhou para as mãos de Drake no volante. Deve ter reparado na palidez dos seus nós dos dedos, porque ficou ainda mais pálida.

— Vais dizer-me quem és? — exigiu Drake.

— Não foi mesmo o meu pai que te mandou? — perguntou a rapariga.

A desilusão dela amoleceu-o, tanto quanto um tipo a conduzir pela selva perseguido por pessoas que o tentavam matar podia ser amolecido. Viu a árvore de tronco partido de que estava à procura, o único tipo de ponto de referência que se podia esperar ali, e virou o volante para a esquerda, despistando o jipe por uma cortina de videiras penduradas e para um caminho que tinha sido pisado por cascos, mas raramente por pneus. O jipe contorcia-se como louco; parecia que ia desfazer-se nas suas mãos, deixando-o sentado no lugar do condutor e a segurar no volante sem carro nenhum à sua volta.

— Desculpa, miúda, não faço ideia de que é que estás a falar.

A rapariga levantou o queixo, tentando esconder demasiado tarde que tinha perdido a esperança.

— Chamo-me Alex Munoz. O meu pai é o *mayor* de Guayaquil. Tem lutado contra a droga na cidade, e não se deixa comprar.

Alex disse-o com orgulho, e Drake não a censurava. Para o *mayor* de uma das principais cidades da América do Sul enfrentar os cartéis de droga, tinha de ser incrivelmente corajoso ou completamente doido. Alex também não teve de lhe contar o resto da história. Uma rapariga linda, no máximo com dezanove anos, amarrada e amordaçada no quarto de um senhor da droga? Tinha sido uma refém, uma tática de negociação, e provavelmente estava prestes a tornar-se vítima de algo pior.

*Como é que eu me meto nestas coisas?*, pensou Drake.

Por outro lado, não era por culpa de Alex Munoz que estava a ser alvejado. É óbvio que desamarrá-la e tirá-la do complexo foi o que o denunciou e abrandou, mas era um plano arriscado desde o início, e na sua

experiência, os planos arriscados acabavam quase sempre com ele a ser alvejado — e às vezes a ser mesmo atingido.

— Então, se não foi o papá que te mandou, quem és tu? — perguntou Alex, com o seu olhar amuado a voltar. — O que é que me vais fazer?

Drake ignorou a segunda pergunta. Se havia algo que aprendera ao longo dos anos, era que quando se foge para sobreviver com uma mulher ao lado, o melhor era nunca lhe dizer que não se tem um plano.

— O meu nome é Drake, Nate Drake.

Se ela percebeu a referência a James Bond na resposta dele, não o demonstrou.

— O que é isto? — perguntou Alex. — O que é que fizeste para deixar o Valdez tão furioso?

Drake apontou para o banco de trás.

— Vês aquilo?

Quando Alex olhou para a traseira, Drake sabia o que ela iria ver. O cajado estava embrulhado em serapilheira apertada por tiras de fita-cola. A serapilheira vinha da quinta de papoilas que ficava no lado oposto ao complexo da casa de Valdez. Drake tinha trazido a fita-cola com ele. Conseguira abrir a vitrina do escritório de Valdez sem fazer disparar os alarmes, embrulhara e amarrara o cajado, e estava de saída quando olhou de relance para o quarto e viu a rapariga de pele cor de canela. O resto era uma história parva.

— Estou a ver — disse Alex.

— Alguma vez ouviste falar da Dawn Tavern?

— Estás a falar de algum bar ou de Pacariqtambo? O lugar de origem? Ou estás a falar da colónia perdida?

— Então conheces a história? — disse Drake, contente por não ter de explicar. O simples facto de estarem a ter esta conversa já era absurdo o suficiente, mas Drake percebeu que sempre era melhor que ouvi-la gritar que não a deixasse morrer ou ele próprio insultar-se por ter vindo para ali, para começar.

— Claro. — Alex fungou. — Eu ando na universidade.

*Ótimo, pensou Drake, a única fedelha na selva, e tinha de estar no meu jipe.*

Na mitologia inca, Pacariqtambo era uma caverna de onde as primeiras pessoas emergiram para o mundo. Um desses irmãos e irmãs era um tal Ayar Manco que trazia consigo um cajado dourado que supostamente serviria para indicar ao seu povo onde deveriam construir a primeira cidade inca. A lenda reza que ele havia mudado de nome e fundado a cidade de Cuzco, e que ele e as suas irmãs tinham construído as primeiras habitações incas com as suas próprias mãos. Para muita gente na região, a história era mais como uma lenda, o que significava que a descoberta feita há três anos

das ruínas de uma colónia perdida — supostamente uma ramificação desses Incas originais, recuando até ao próprio Ayar Manco — levantou sérias controvérsias. Uma tribo local cujo povo afirmava ter sabido sempre da colónia perdida insistia que as ruínas eram a verdadeira Pacariqtambo e que, depois de ter sido traído pelos seus irmãos, Ayar Manco tinha voltado à caverna do seu nascimento com a sua esposa e filhos e tinha fundado esta aldeia escondida. A discussão pública acerca do que era real e o que era mito tinha continuado desde então.

— Há três anos, o Valdez contratou-me para liderar uma equipa a Pacariqtambo e trazer todos os artefactos que conseguíssemos encontrar. Mas o que ele queria realmente era o cajado dourado de Ayar Manco. Depois de eu lho trazer, ele decidiu que preferia matar-me a pagar-me. Mal consegui fugir do Equador vivo.

Alex olhou-o como se ele fosse louco.

— E então decidiste roubá-lo de volta?

Drake riu-se.

— És doida? O Valdez come tipos como eu ao pequeno-almoço. Não, achei que já tinha muita sorte por ainda respirar. Mas os Cuiqawa — a tribo que declarou aquilo acerca de Ayar Manco? — acham que são os seus descendentes mais próximos, por isso o cajado deveria ser deles. Contrataram-me para o recuperar.

— E aceitaste o trabalho? Depois do Valdez quase te ter matado?

— Um tipo tem de trabalhar — disse Drake. — Ei, o Valdez voltou atrás num acordo. Isso não se faz, percebes? Pensei que o mínimo que podia fazer era irritá-lo um bocadinho.

Seguraram-se à medida que o jipe caía no leito de um riacho, avançava aos salpicos, e subia a roncar pelo outro lado. As armas tinham-se calado, e por momentos Drake esperou que os rufias de Valdez tivessem desistido da perseguição. Depois, um dos jipes que os perseguia irrompeu pelas vinhas atrás deles, e ele percebeu que já deveria saber como eram as coisas. Nunca era assim tão fácil.

— Ei — disse Drake, olhando de relance para Alex enquanto conduzia, com uma nova rajada de tiros a rebentar com as árvores à sua esquerda. — Achas que o teu pai vai oferecer uma recompensa por te trazer sã e salva?

Alex fitou-o.

— Disseste que isto não era um salvamento.

— Não — respondeu Drake. — Acho que não disse. E aliás, é discutível, certo? Quero dizer, quando um tipo já fez de facto o salvamento...

— Não me salvaste! — gritou ela quando uma bala estilhaçou o espelho retrovisor do seu lado, salpicando-lhe o cabelo com estilhaços de vidros e metal.

— Bem — disse Drake. — Ainda não.

Apontou o jipe para um espaço entre as árvores que parecia estreito de mais, mas passaram com estrondo através dele com uma margem de vários centímetros de ambos os lados. Alex insultou-o e tapou a cabeça, depois olhou para cima piscando os olhos, perplexa por não terem chocado, enquanto Drake acelerava mais ainda e os pneus atiravam torrões de terra húmida no seu rasto. Durante alguns segundos, o barulho do tiroteio parou outra vez, e à medida que passavam por um corredor de árvores e vinhas estranhamente uniforme, o silêncio da floresta tropical envolveu-os, abafando o ruído do motor.

O jipe chegou a uma subida, ultrapassou-a, e os pneus giraram sem tração por um breve segundo antes de tocarem o solo, numa pequena clareira. Com os braços rígidos, Drake mantinha as rodas direitas sobre o terreno difícil, mas tinham ficado sem espaço. Folhagem espessa rodeava a clareira e as árvores estavam cada vez mais próximas e inclinadas, conspirando perto umas das outras. A única saída era por onde Drake havia entrado, e os atiradores de Valdez estavam mesmo atrás dele.

— Meu Deus, vamos morrer! — gritou Alex.

Drake conduziu o mais depressa possível para o extremo oposto da clareira, com as árvores a aproximarem-se deles. No último segundo, girou o volante para a direita e travou, fazendo com que o jipe derrapasse e parasse, estremecendo. O motor estalou e foi abaixo, vibrando com o calor do seu desempenho.

— Mãos ao alto — disse ele.

Alex olhou-o confusa.

— O quê?

Drake atirou a arma para o chão do jipe e saiu, levantando os braços e rendendo-se.

— Se não queres levar um tiro, levanta o raio das mãos!

O primeiro dos veículos que os perseguiam entrou na clareira com estrondo. Ouviram-se vários tiros, mas Drake começou a gritar que se rendia, tanto em inglês como em espanhol, levantando ainda mais as mãos para mostrar que falava a sério. Afastou-se do jipe quando Alex finalmente levantou as mãos e saiu, imitando-o o melhor que pôde. Tinha começado a chorar.

Drake achou que era má ideia sorrir, mas teve de se esforçar por se manter sério. O medo fazia-o agir assim. Calculou que Valdez tivesse mandado os seus capangas buscar a rapariga e o cajado de Ayar Manco, e parecia bastante provável que tivesse ordenado a morte do ladrão que roubara ambos — que seria Drake — mas achou que a rendição iria confundi-los. Pelo menos, esperava que assim fosse.

O segundo grupo de assassinos chegou à clareira quando o primeiro parou, estremecendo a seis metros de Drake, com as armas apontadas sobre ele e Alex. O camião enorme viria a arrastar-se algures lá atrás. Num desses veículos estaria o tipo que comandava, algum sacana mais esperto que os outros sacanas e, no momento de confusão, os assassinos iriam esperar que ele decidisse o que fazer. Se Drake se estava a render, isso significava que deviam entregá-lo a Valdez com vida, ou ainda era suposto matarem-no?

Enquanto esperavam, os capangas saíram dos dois jipes, todos eles a gritar, espalhando-se num círculo à volta de Drake e da rapariga que chorava e que parecia não perceber que iriam levá-la viva para conservar o seu valor como refém. Ou se calhar era por isso que estava a chorar, pensou Drake. Talvez o facto de ser levada com vida a assustasse mais do que morrer.

*Ou se calhar estás só a ser melodramática*, pensou. Os assassinos apontaram para o chão com os canos das armas, gritando em espanhol para que Drake se pusesse de joelhos. Drake obedeceu, e Alex fez o mesmo, embora ninguém lho tivesse pedido. Um tipo baixo, esguio e com ar mortífero, com um bigode que parecia ter sido desenhado com um marcador, saltou da traseira do segundo jipes e dirigiu-se a Drake com a arma estendida ao seu lado, como se estivesse a tentar apanhá-los de surpresa, embora todos estivessem a observá-lo em expectativa. Então, seria este o tal tipo. Drake esperou que ele desse a ordem para disparar.

No entanto, o homem do bigode de marcador não disse uma palavra. Se os amiguinhos dele estavam à espera de ordens, iam ter de continuar a esperar, porque este era um tipo que deitava mãos à obra. Sacou de uma pistola que estava num coldre debaixo do braço e aproximou-se a passos largos; levantou a arma e apontou-a à testa de Drake.

— Quando quiserem! — gritou Drake, com a voz a tremer.

O pequeno comandante fez uma careta, surpreendido; pelos vistos, presumiu que Drake estava a tentar apressá-lo a premir o gatilho.

— O que estás a... — começou Alex.

Um único tiro ecoou, fazendo com que um tumulto de pássaros coloridos saísse disparado para o céu, das árvores em redor da clareira. O homenzinho com o bigode ridículo cambaleou para trás, olhou com um ar confuso e talvez arrependido para baixo, para o buraco no seu peito, e depois caiu na relva.

Só o facto de Drake e Alex terem as mãos estendidas no ar e tão obviamente vazias os manteve vivos nesse momento. Os assassinos desorientados começaram a andar em círculos, fazendo pontaria às árvores, tentando perceber quem era suposto atingirem. Um deles ainda atirou algumas vezes para o vazio.

Depois as sombras mexeram-se, os ramos balançaram quando dezenas de armas e rostos apareceram nas árvores. Alguns estavam em cima e outros em baixo; alguns estavam vestidos ao estilo dos indígenas locais e outros com a vestimenta simples de trabalhadores imigrantes, mas todos estavam armados. Havia pistolas, assim como arcos com flechas presas e até algumas facas prontas a ser atiradas. Para além do levantar das armas e roçar das árvores, não faziam qualquer ruído.

Um dos homens de Valdez começou a gritar aos outros que disparassem, como se precisasse que outro premisse o gatilho para ele não ter de ser o primeiro. Uma flecha espetou-se no chão com um ruído seco, a centímetros da sua bota esquerda com uma crosta de lama. O homem ficou a olhar para a flecha durante um ou dois segundos e depois atirou a arma para a relva.

Um instante depois, o resto dos assassinos começou a largar as armas e a tribo Cuiqawa rapidamente saiu de entre as árvores e cercou-os. Vários dos indígenas acorreram ao jipe roubado de Drake, e um deles levantou o cajado embrulhado em serapilheira do banco traseiro, abanou-o com um ar triunfante e acenou com a cabeça, agradecendo. Drake esperava que o tipo percebesse que não tinha ido atrás do cajado apenas para ganhar a gratidão da tribo.

Pôs-se em pé e aproximou-se de Alex. A rapariga continuava com um ar aterrorizado, fitando os Cuiqawa como se pudessem ser uma nova ameaça. Drake ajudou-a a pôr-se em pé.

— E agora? — perguntou. — Isto conta como um salvamento?

## 2

Drake passou a maior parte do voo de Guayaquil para Chicago a pôr o sono em dia. Depois da descarga de adrenalina dos últimos dias passados a tentar escapar à morte, sentia-se completamente desgastado; mas ao mesmo tempo, sentia uma rara satisfação. Tinha corrigido o mal que Valdez lhe tinha feito, devolvido um artefacto cultural ao seu legítimo dono — é certo, tinha sido ele a roubá-lo em primeiro lugar — e agora ia para casa com mais dinheiro verdadeiro no bolso do que tinha tido em muito tempo.

A tribo tinha-lhe pago a sua comissão por recuperar o cajado dourado, mas o *mayor* de Guayaquil pagou ainda mais pela satisfação de ter a sua filha de volta, viva. O facto de a segunda ação ter sido puramente acidental (embora de uma forma irritante) só fez com que a recompensa soubesse ainda melhor. Era o tipo de sorte que não lhe acontecia muitas vezes, e mal esperava por partilhar a história da sua boa fortuna com Victor Sullivan, o seu melhor amigo e por vezes companheiro em aventuras como esta.

Havia muitas crianças a berrar durante o voo, e o passageiro do tamanho de um lutador de sumo que estava no assento atrás dele não pareceu muito contente por Drake ter reclinado o banco, mas ele sentia-se indiferente a todas as tentativas do mundo para interromper o seu contentamento. Com a música do voo calmamente canalizada para o seu cérebro através dos auscultadores grátis, conseguiu dormir durante o filme, acordando mesmo a tempo do prato peganhento de galinha e brócolos que podia ter sido o jantar, ou talvez um tipo de omeleta de pequeno-almoço, se a coisa congelada à volta da galinha e dos vegetais fosse ovo.

O avião aterrou quase quinze minutos mais cedo — pouco antes das dez da manhã — e quando Drake retirou o cinto de segurança e se levantou, obviamente satisfeito e descansado, pensou ter apanhado vários olhares invejosos de outros passageiros. A maior parte deles pareciam pálidos e cansados, mas ele sentia-se bem enquanto retirava a sua mochila de debaixo do assento e o saco desportivo do compartimento acima da sua cabeça. O lutador de sumo que tinha ficado chateado com o seu assento reclinado ainda se tentava soltar do 17D quando Drake saiu em fila do avião.

Enquanto andava de terminal em terminal, sentiu o aroma a rolinhos de canela e o seu estômago roncou. Conseguira aguentar no estômago a mistela horrível que a companhia aérea tinha dado a comer aos seus passageiros, mas estava sem dúvida com fome outra vez, e os rolinhos de canela eram uma das suas fraquezas de sempre. Tal como a criptonite — se a criptonite fosse macia e morna e coberta de açúcar, e o Super-Homem gostasse de a comer. *Ou qualquer coisa assim*, pensou.

Enquanto esperava na fila pelo seu rolinho de canela, ansioso por café americano, pôs a mão no bolso e tirou o telemóvel, que tinha estado desligado durante todo o voo. Ligou-o e viu que tinha perdido algumas chamadas durante o voo e que tinha algumas mensagens. A primeira consistia nos desvarios de uma mulher embriagada, e Drake achou que devia ser engano. A segunda mensagem era de Vivian, a mulher que trabalhava como sua agente de viagens quando ele precisava de fazer uma viagem que o mantivesse incógnito. Drake improvisava de mais para o gosto de Vivian, e esta repreendia-o muitas vezes por não usar os seus serviços com mais frequência, mas esta chamada era para o criticar por voar do Equador para os EUA usando o seu próprio passaporte. Drake não gostava de o fazer, com receio de atrair qualquer tipo de avaliação da Segurança Interna, mas era apenas um tipo a visitar a América do Sul, não era um guerrilheiro de uma *ji*had qualquer a ter aulas de pilotagem e depois a passar algumas semanas a treinar para se mandar pelos ares nalguma fortaleza secreta nas montanhas do Afeganistão.

A terceira mensagem era de Sully.

— Nate, sou eu. Liga-me assim que ouvires isto. Passa-se alguma coisa e preciso de um segundo par de olhos. Duas cabeças pensam melhor que u...

O telemóvel tocou, e Drake olhou-o surpreendido por ver que era Sully a ligar novamente. Carregou no botão para mudar para a chamada que estava a entrar.

— Sully — disse Drake, franzindo o sobrolho. — O que há de tão importante?

Chamou-lhe a atenção um movimento que viu pelo canto do olho e



encolheu-se, ainda tenso por causa dos últimos dias, mas era apenas a rapariga atrás do balcão a passar-lhe um saco que exalava o delicioso aroma a canela.

— Estás em solo americano, Nate? — perguntou Sully.

— Tenho uma escala em Chicago — disse Drake, enquanto se encaminhava para uma pequena mesa onde se podia sentar de costas para o canto.

Conseguia ouvir Sully a fazer uma pausa e pensou tê-lo ouvido a expirar. A fumar um charuto, pensou Drake. Sully tinha deixado de fumar havia cerca de um mês e passava imenso tempo a morder a ponta de um Cubano por acender, como se se desafiasse a si mesmo a acendê-lo. Esta manhã, obviamente precisara de fumar.

— Chicago — disse Sully, com a sua voz rouca mais áspera do que o habitual. — Em quanto tempo consegues chegar a Nova Iorque?

Nate parou, com o bolo peganhento de canela a meio caminho da boca.

— O que há em Nova Iorque?

Conseguiu ouvir Sully a soprar outra dose de fumo de charuto a ple-nos pulmões antes de responder.

— Um homicídio.

Logo após as três e meia da tarde, Drake estava sentado no banco de trás de um táxi de Nova Iorque, a respirar o fumo do incenso que o taxista tinha estado a queimar e a observar os sinais de trânsito verdes que passavam por eles, a caminho da Grand Central Station. Podia ter apanhado um autocarro de ida e volta diretamente do Aeroporto JFK International em Queens, para a Grand Central no coração de Manhattan, mas Sully deixara bem claro que era uma emergência, e por uma vez não faltava dinheiro a Drake.

Só gostava que Sully tivesse sido mais direto ao telefone. Drake passara toda a sua vida a aprender a aparar os golpes, em grande parte por causa da tendência de Sully de lhe atirar com tudo no último minuto. Mas não achava que a relutância de Sully em entrar em pormenores tivesse alguma coisa a ver com os jogos habituais do velho caçador de tesouros. Mesmo antes de Sully ter desligado o telefone à pressa, Drake ouvira uma mulher a chorar ao fundo. Se o seu velho amigo e mentor não queria falar de um homicídio, Drake achou que era porque algum dos presentes estava de luto. Sully nunca seria acusado de ser um tipo sensível, mas também não era cruel.

O facto de ter uma amiga de luto também explicaria porque é que Sully não tinha vindo ter com ele ao aeroporto quando o seu avião aterrou. Normalmente, se precisava de Drake como reforço por alguma razão, Sully

iria querer pô-lo ao corrente o mais cedo possível. Em vez disso, tinha apenas pedido a Drake para se encontrar com ele debaixo do relógio do átrio principal da Grand Central Station.

O táxi deixou-o em frente a um restaurante chamado Pershing Square, que estava praticamente escondido debaixo do elevado Park Avenue Viaduct. Drake pagou ao taxista, mas mal olhou para o homem, com os pensamentos a correr mais depressa que ele. Tivera a sorte de apanhar um voo de Chicago meia hora depois de falar com Sully ao telefone, e ao longo das quase duas horas e meia no ar e da duração da viagem de táxi, tinha acima de tudo conseguido deixar a sua mente divagar ou concentrar-se noutras coisas. Mas, agora que tinha chegado, não conseguia deixar de estar preocupado.

Victor Sullivan tinha-o praticamente criado desde os seus primeiros anos da adolescência e ensinara-lhe tudo — ou quase tudo — o que sabia sobre sobreviver no negócio das “aquisições-díficeis-de-encontrar”. Tinham andado por todo o mundo a caçar tesouros e antiguidades para praticamente qualquer um que pudesse pagar o serviço. E, durante todo esse tempo, Drake nunca tinha ouvido Sully tão desolado e desgastado como parecia ao telefone.

Um taxista buzinou com força quando Drake atravessou a rua a correr. Um vento gelado de outubro atingiu-o e ele estremeceu, desejando ter um casaco. Tinha deixado as malas num cacifo no JFK, calculando que voltaria ao aeroporto quando saísse da cidade, mas nada do que lá tinha seria útil. O Equador era quente e húmido. Drake passara demasiado tempo em locais quentes e pegajentos ao longo da sua vida, por isso não se importava com o vento frio de outono, mas era uma mudança brusca, como passar por uma porta para o outro canto do mundo.

*Isso é que me facilitava a vida, não era?*, pensou. Mas claro que esse tipo de coisas só acontecia nas histórias de fantasia e ficção científica, onde todos os heróis eram nobres e onde a morte nem sempre era definitiva. A vida real tinha regras menos convenientes.

Drake abriu a porta pesada de vidro e latão, arrastando-a com esforço, e subiu a rampa de seixos entre as portas de dentro e de fora. Um homem com uma barba comprida, suja e emaranhada e de olhos encovados estava de pé num dos lados, usando um sinal a anunciar a chegada dos Tempos do Fim, mas não havia maneira de saber se ele estava a comemorar ou a lamentar o momento.

Quando entrou no átrio principal — a enorme câmara ornamentada que imediatamente lhe vinha à memória quando pensava no Terminal

da Grand Central —, dirigiu-se automaticamente para o relógio gigante. Encontrou Sully, que estava por baixo do relógio, mas o velhote estava de costas a olhar para as escadas do outro lado do terminal, provavelmente a pensar na cena do carrinho de bebé do filme *Os Intocáveis* de De Palma, que era uma homenagem ao filme russo *O Couraçado Potemkin*. Tinham passado pela Grand Central juntos algumas vezes e, de todas as vezes, Sully fazia questão de lhe falar dessas escadas. Sully viu-o chegar e despertou, afastando o que quer que estivesse a pensar. Pelo seu olhar perturbado, Drake apercebeu-se de que afinal talvez não fossem filmes antigos de *gangsters*.

— Nate — disse Sully. — Obrigado por teres vindo.

— Já estava de viagem. Foi só fazer um desvio — respondeu Drake. O seu relacionamento com Sully baseava-se principalmente em provocações, mas por uma vez Drake achou que essa abordagem descontraída não seria apropriada. — O que é que se passa, Sully? Falaste em “homicídio”. Basta olhar para ti e dá para perceber que isto não é um mistério agradável.

Sully franziu o sobrolho, enquanto amaciava o seu bigode grisalho.

— Não estou com o meu ar jovial do costume, hã? Talvez não esteja. Mas tu próprio estás com um aspeto de merda, por isso se calhar não devias criticar.

Drake levantou as sobrancelhas.

— Também é ótimo ver-te.

Um sorriso cansado surgiu no rosto de Sully, bem como um pouco do habitual brilho malicioso nos seus olhos. Mas depois o sorriso desapareceu e o seu olhar tornou-se sombrio. Apontou com a cabeça para a fila de arca-das que levavam até às plataformas e aos túneis dos comboios.

— Anda lá. Por aqui — disse.

Drake seguiu-o sem fazer mais perguntas. Se Sully queria que a resposta fosse revelada de alguma maneira em particular, Drake iria fazer-lhe essa vontade. Sully merecera isso e muito mais, em todos os anos da sua amizade. Analisou Sully à medida que chegavam a uma escadaria e desciam ao piso inferior. Sendo um homem de copos e mulherengo inveterado, aparentava, como sempre, estar mais à vontade a jogar na Havana dos anos 50 do que a lidar com a América do século vinte e um. O seu cabelo grisalho parecia um pouco rebelde, e os círculos negros debaixo dos seus olhos sugeriam que não tinha dormido muito na noite anterior. Usava um blusão de avião castanho sobre uma das suas *guayaberas* — camisas de linho que eram muito populares na América Latina e nas Caraíbas. Tanto a camisa como as calças caqui que usava estavam amarrotadas, o que indicava que independentemente do que tivesse dormido, estava a usar as mesmas roupas desde o dia anterior.

Tinham passado quase dois meses desde que Drake vira Sully, mas tinham falado ao telefone havia menos de uma semana, e na altura nada indicava que algo estivesse errado. Mas o homicídio não fazia avisos.

Sully levou-o pelo átrio do piso inferior, passando pelas entradas arqueadas até uma rede de túneis de carris subterrâneos, até que por fim atravessou uma dessas arcadas e desceu uma dúzia de degraus até uma plataforma de comboios. As luzes piscavam de forma pouco fiável na escuridão do teto acima deles. A trepidação dos comboios tanto próximos como distantes fazia parecer que a qualquer momento o mundo poderia desfazer-se. O ruído fez lembrar a Drake de quando contava os segundos entre trovões quando era criança, tentando descobrir a que distância estaria a tempestade e se o raio viria na sua direção.

Nenhum comboio os esperava naquela plataforma. Drake quase esperara que estivessem prestes a embarcar numa viagem, mas se de facto estavam, não seria de comboio. Os carris estavam vazios e, para além deles, a plataforma parecia abandonada — exceto pela fita amarela da polícia que tinha sido usada para separar o fim da plataforma do público. Drake nem precisou de perguntar; agora, sabia perfeitamente para onde se dirigiam.

Duas plataformas acima, um comboio fez um ruído metálico e assobiou, esperando à medida que alguns passageiros atrasados se apressavam ao seu lado. Um revisor estava do lado de fora da porta a orientá-los. O homem olhou de relance para Drake e Sully. Em tempos não se preocuparia com o que não era da sua conta — Nova Iorque fora esse tipo de cidade — mas depois do 11 de setembro, tudo isso mudara. Sully sabia-o também, pois parou junto à fita da cena do crime, não fazendo qualquer movimento para a ultrapassar. Os dois já eram suficientemente suspeitos só por estarem ali em baixo sem qualquer motivo óbvio. Drake pensou que talvez o revisor os tomasse por detetives à paisana, mas depressa se apercebeu de que provavelmente estavam demasiado mal vestidos para isso. E se o homem reparasse na *guayabera* debaixo do blusão de Sully, saberia de imediato que não eram polícias. A maior parte dos polícias não exibia as suas excentricidades.

Ao lado da linha policial, Sully tirou um charuto de dentro do bolso do blusão. Não ligava muito a regras, mas não o acendeu, apenas o levou aos lábios e rolou-o nos dentes por um minuto, pensativo. Drake nunca o conheceu como um homem dado a reflexões.

— Já me comesas a assustar um bocado, Sully. E que tal comesas por me dizer quem é que morreu?

Sully olhou fixamente para um ponto além da linha policial por mais um momento, depois tirou o charuto da boca e virou-se para Drake.

— Esta plataforma está encerrada desde a noite passada. Chegou um comboio de Connecticut — com muitas paragens pelo caminho — e quan-

do arrancou, havia um baú antigo na plataforma. A maior parte das pessoas estavam a entrar no comboio, a deixar a cidade, mas havia algumas também a chegar. Um dos revisores lembrava-se do baú e que estavam dois homens sentados junto a ele. Presumiu que o tivessem trazido, mas não lhes prestou muita atenção. Casacos escuros; é tudo o que ele se lembra.

Sully abanou a cabeça, semicerrando os olhos com frustração.

— Pensa nisso, Nate. Naquele baú podia estar tudo o que se pudesse imaginar. Aquilo podia estar cheio de *Semtex*<sup>1</sup> ou assim. Consegues imaginar explosivos naquele volume a detonar por baixo da cidade? Estamos tão obcecados com os aviões, mas ninguém presta atenção a...

A voz de Sully desvaneceu-se quando este respirou fundo. Parecia mais furioso do que magoado, mas Drake conhecia Sully o suficiente para ver que o amigo sentia as duas coisas.

— Então, este baú *não* estava cheio de explosivos? — Drake aventurou-se.

Sully lançou-lhe um olhar severo.

— Estava a tentar provar uma coisa. Mas não, não estava. No entanto, esta estação reagiu como se pudesse estar. Impediram centenas de comboios de entrarem, evacuaram milhares de pessoas. A Direção Geral dos Transportes trouxe agentes antiterrorismo, e o NYPD<sup>2</sup> tinha a brigada de minas e armadilhas cá em baixo. Os cães da brigada não detetaram nenhuma bomba, mas eles continuaram a tratar o baú como se fosse explodir. Dois dos tipos que cuidam daqueles cães... Um deles costumava treiná-los para procurar cadáveres, e conhece muito bem o cheiro. Disse que achava que havia um corpo no baú. Afinal, tinha razão.

Drake pôs-lhe a mão no ombro, odiando ver o seu amigo a sofrer.

— Sully...

— Era o Luka — disse Sully, com o queixo a tremer, os olhos a faiscar de raiva. — Mas não todo, Nate. Sem braços e sem pernas. Só o tronco. Tinham-lhe cortado a cabeça, também, mas ao menos isso estava no baú. Quem quer que o tivesse matado, não lhe amputou os membros para dificultar a sua identificação, senão não lhe tinham posto a...

Sully vacilou. Com um sorriso sarcástico, voltou a pôr o charuto na boca e voltou a olhar fixamente para a área que ficava para lá da linha amarela. O comboio que estava duas plataformas à frente arrancou, tinindo ruidosamente e Drake perguntou-se se o revisor ainda os observava. Pensou porque é que a polícia ou o FBI não estavam já em cima deles, a questionar

---

<sup>1</sup> *Semtex*: Explosivo plástico. (N. da T.)

<sup>2</sup> NYPD: *New York Police Department* (Departamento de Polícia de Nova Iorque). (N. da T.)

o que estavam ali a fazer. Se o baú estivesse cheio de explosivos em vez do amigo morto de Sully, nunca teriam chegado ali abaixo sem serem detidos. Mas um homicídio não atraía as mesmas atenções.

Ao longo da sua vida, Luka Hzuajak fora arqueólogo, professor universitário, e colecionador de antiguidades. Tinha sido também um dos mais antigos e queridos amigos de Victor Sullivan, um homem que via a compreensão moderna da História como um mistério tão grande como a revelação do amanhã. Luka era conhecido por irritar os seus colegas e chefes porque recusava contentar-se com as versões atualmente aceites de eventos históricos, especialmente as de tempos antigos. Nos últimos anos tinha-se estabelecido como um autor de sucesso de histórias controversas, escritas em linguagem acessível ao público em geral. Drake tinha estado com Luka talvez uma dúzia de vezes e tinha-o em grande conta. Conseguia imaginar o seu rosto malicioso e a forma como ele sempre acariciava a pera, como se fosse um diabo dos desenhos animados. Luka nunca censurara Sully pelo trabalho que ele e Drake faziam, em grande parte porque achava que as provas mais importantes e disponíveis para desafiar as versões dos historiadores acerca do passado vinham de ladrões de túmulos e caçadores de tesouros.

— Lamento, Sully — disse Drake. — Algo como isto... não deveria acontecer a ninguém, muito menos a alguém como o Luka. A polícia já descobriu alguma coisa?

Drake não se preocupou em perguntar onde é que Sully conseguira a informação acerca da descoberta do corpo. Parecia óbvio que tinha alguma fonte no NYPD, o que de facto não era nenhuma surpresa. Sully parecia ter um amigo de copos ou um colega de jogo basicamente em todo o lado. Seis anos antes, tinham passado algumas semanas chuvosas no Butão a procurar máscaras antigas de demónios e animais. No primeiro dia tinham ido ao mercado à procura de algo para os abrigar da chuva, e um homem que vendia queijo de cabra e vinho dera uma palmada nas costas de Sully e abraçara-o como se de um irmão perdido se tratasse. Quando o tipo se afastou, Drake reparou na expressão de desconfiança e preocupação nos olhos do mercador. Ele e Sully eram amigos, mas não confiavam um no outro. Parecia ser uma dinâmica comum, que se estendia desde o Butão aos Estados Unidos e até à Ilha da Páscoa. Drake confiava em Sully, pelo menos na maior parte dos dias, mas uma das primeiras coisas que o homem lhe tinha ensinado era que uma certa quantidade de desconfiança era saudável e iria mantê-lo vivo.

Mas o contacto de Sully no NYPD não tinha sido de grande ajuda.

— Não sabem absolutamente nada — disse Sully.

Drake franziu o sobrolho, voltando-se para olhar para cima, para as luzes que piscavam.

— A sério? É a Grand Central. Têm de ter câmaras por todo o lado.  
— Claro que têm. Não quer dizer que todas funcionem. Quando o orçamento é baixo, tem de se fazer escolhas. Algumas coisas são postas de parte — disse Sully, virando-se para Drake novamente. — Mas nós temos algo que a polícia não tem.  
— O quê?  
A expressão nos olhos de Sully era uma mistura de dor e orgulho.  
— Nós temos a Jada.

### 3

Drake e Sully apanharam o metro que levava e trazia passageiros entre Grand Central e Times Square, e depois embarcaram noutra, desta vez dirigindo-se para norte. Sentaram-se ao lado um do outro em silêncio, com Sully a observar os outros passageiros com desconfiança. As luzes piscavam, projetando estranhas cicatrizes nos riscos feitos nas janelas por vândalos. O assento de Drake tinha sido rasgado, mas isso não o incomodava tanto como o cheiro que pairava no ar; eram aromas residuais de suor e urina, como se fosse o fantasma do fedor de outra pessoa. A carruagem chocalhava nos carris, abanando para a frente e para trás num movimento de embalo que poderia fazer com que Drake adormecesse, num dia em que não tivesse havido um homicídio.

Sully olhava em redor, mais paranoico do que Drake alguma vez o tinha visto.

— O que é que se passa, Sully? — sussurrou Drake. Olhou em redor, tentando perceber se alguém os observava; a paranoia do seu amigo era contagiosa. Mas era o metro de Nova Iorque; regra geral, as pessoas tentavam fingir que eram as únicas presentes no metro. — Porque é que escondeste a Jada?

— A ideia não foi minha — resmungou Sully, olhando para Drake com rispidez. — Ela não fala com a polícia porque tem medo de acabar morta, como o pai.

— Ela sabe quem fez isto? — perguntou Drake, intrigado.

— Não, mas talvez saiba o motivo. Agora cala a boca. Estaremos lá muito em breve.



Drake não discutiu. Era evidente que o homicídio de Luka assustara Sully. Se queria ser extracuidadoso por temer que Jada também estivesse em perigo, Drake não o censurava. Sully era o padrinho da rapariga, e levava esse papel muito a sério. Com Luka morto, faria o que fosse necessário para garantir que a rapariga estava em segurança.

Apesar de que ela já não era propriamente uma rapariguinha, não é? A última vez que Drake tinha visto Jadranka Hzujak, ela teria onze ou doze anos. Nos anos seguintes, tinha uma vaga noção de que ela tinha crescido, mas isso acontecera tão fora do seu radar que era difícil para Drake imaginá-la como adulta. Cinco ou seis anos antes, ele e Sully tinham-se reunido com Luka e tinham jantado numa pequena espelunca no Soho que aparentava não ter mudado durante décadas. Durante o jantar, Luka mencionara que Jada estava a gostar da faculdade, o que queria dizer que agora estaria na casa dos vinte. Mas Drake não conseguia tirar da cabeça a imagem da menina pequena.

À medida que o metro entrava na estação da rua 79, Sully deu uma palmada no joelho de Drake e levantou-se, passando pelos passageiros que estavam em pé. Drake seguiu-o, sorrindo à medida que contornava uma jovem prodigiosamente grávida.

Já na plataforma, Sully encostou-se a uma banca de jornais e esperou que o metro fechasse as portas e arrancasse. Drake achou que ele estava a ser demasiado cauteloso, mas tinha alterado os seus planos de viagem e vindo até Nova Iorque, e não tinha parado desde que saíra do avião no JFK. Alguns minutos parado eram bem-vindos. Além disso, conhecia bem este jogo. Sully queria esperar que a plataforma ficasse vazia para dificultar o disfarce a quem quer que pudesse estar a tentar segui-los.

Quando os passageiros saídos do metro já tinham dispersado e o metro tinha partido, Sully começou a caminhar ao lado de Drake e os dois subiram as escadas em silêncio. Lá fora, a brisa gélida de outono varria o passeio e as sombras da tarde tinham-se tornado mais longas. Sully virou para a parte alta da cidade, e Drake esperou pacientemente até estarem a meio quarteirão da entrada da estação de metro antes de voltar a falar.

— Vá lá, Sully — disse Drake. — A paciência é uma virtude, mas nunca foi uma das minhas. Arrastaste-me por metade do país...

— Estavas em Chicago. Isso nem sequer é perto de metade do país.

Drake franziu o sobrolho.

— Nunca fui bom a frações. E a questão não é essa. O Luka está morto e, pelas tuas atitudes, é óbvio que achas que quem o matou não vai parar por aí. Se vais arrastar-me para uma situação em que posso acabar num baú com algumas peças a menos, gostava ao menos de saber no que é que me estou a meter.

Sully lançou-lhe um olhar rígido.

— Também eu.

Suspirou profundamente, cedendo, e olhou em redor para ter a certeza de que ninguém os observava com demasiada atenção; depois meteu as mãos nos bolsos e continuou a olhar em frente, falando baixo.

— Os factos são estes — começou Sully. — Deves lembrar-te que a mãe da Jada morreu quando ela era miúda.

— Cancro da mama, não foi? — perguntou Drake.

— Pulmões — corrigiu Sully. — O Luka voltou a casar há alguns anos, com uma mulher chamada Olivia. A Jada chamava-lhe “madrasta má”. A Olivia Hruzjak trabalha para uma empresa chamada Phoenix Innovations. O diretor é um indivíduo chamado Tyr Henriksen — norueguês, julgo eu. A Phoenix é principalmente um fabricante de armas, com parceiros de negócio no mundo inteiro, mas tem uma divisão de investigação que mantém tudo muito secreto.

— Porque é que esse nome me soa familiar? — perguntou Drake, atento à medida que via um carro a abrandar na sua visão periférica. Afinal era um táxi a deixar sair o seu passageiro, mas Sully deixara-o com medo da própria sombra. — Tyr Henriksen, não a empresa.

— Achei que ias reparar nisso — respondeu Sully. — O Henriksen é um colecionador de antiguidades, e não se importa de adquirir certas coisas de forma menos convencional, se a abordagem honesta não funcionar.

— Contrata contrabandistas e ladrões, se tiver de ser — clarificou Drake.

Sully arqueou uma sobrancelha.

— Eu sei. Consegues imaginar? Patifes e canalhas.

Drake não respondeu. Sully estava a brincar, mas Drake não achou piada nenhuma. Contornava as regras e por vezes quebrava-as, e o seu ramo profissional colocava-o em contacto com algumas personagens bastante desagradáveis, mas ele próprio não se considerava uma delas.

— Há três meses, o Henriksen contactou o Luka através da Olivia, e tentou envolvê-lo num projeto privado — continuou Sully. — O Luka tinha um mau pressentimento acerca da proposta do Henriksen, julgo eu. Bisbilhotou um pouco, começou a fazer a investigação que o Henriksen queria, e tropeçou em algo que o preocupou de tal forma que desistiu. Só que não desistiu *mesmo*. Continuou a trabalhar no projeto, só que para ele próprio e não para o Henriksen.

— Isto é tudo muito vago.

Tinham caminhado alguns quarteirões e pararam na esquina da rua 18 com a Broadway, esperando que o semáforo mudasse. Havia um Starbucks na esquina a sudeste do cruzamento e Drake deu por si ansioso por

um café, mas manteve a sua atenção em Sully e nas pessoas à sua volta. Uma jovem trabalhadora, indiana ou talvez paquistanesa, passeava um cão pequeno e de ar pretensioso. Dois homens atravessaram apesar do sinal, trazendo canecas do Starbucks e rindo-se juntos. Drake não via qualquer ameaça, mas sentia-a, apesar de achar que essa talvez fosse apenas a imagem que o dia lhe havia pintado até agora.

— No início, tudo o que o Luka disse à Jada foi que o Henriksen queria que ele resolvesse um mistério por ele e que havia um tesouro envolvido. Algo de valor inestimável — disse Sully. — Algo...

— Por que valia a pena matar. — Drake terminou a frase.

— É o que parece, não é? — perguntou Sully.

O sinal mudou e continuaram para norte, ao longo da Broadway.

— Então o Luka queria o tesouro só para ele — disse Drake.

— Isso não me parece bater certo. O Luka não se arriscaria assim. Adorava o trabalho e a filha, e sempre tive a impressão de que se contentava apenas com isso.

— Sem ofensa, Sully, mas tu vias o Luka para aí de dois em dois anos. As pessoas mudam. E mesmo que ele não tivesse mudado, não podes entrar na cabeça de alguém e ver o mundo com os seus próprios olhos.

Mas Sully abanava a cabeça.

— Nem pensar. Eu conhecia-o tão bem como te conheço a ti. E a Jada concorda comigo. Ela diz que o pai não estava entusiasmado da forma que estaria alguém que achava que ia pôr as mãos em algo especial. Diz que o velhote dela parecia assustado. Quando ela o pressionou acerca do assunto, ele disse-lhe que o projeto do Henriksen era perigoso e que a única forma de o deter era encontrar o tesouro primeiro que ele.

Drake e Sully viraram na rua 82. Um idoso passou por eles, com um longo casaco de lã, demasiado grande para o seu corpo desgastado pela idade, e Sully esperou até estarem a meia dúzia de passos do homem antes de parar e encarar Drake.

— Olha, Nate, tudo se resume a isto. O Luka... ele era um dos bons da fita. Quero certificar-me de que quem quer que o tenha matado vai pagar por isso. Além disso, a Jada quer acabar este projeto. Custou a vida ao pai dela e ela tenciona terminar o que ele começou. Eu planeio fazer parte disso. Não sou tão novo como dantes, e ela não está habituada a ter pessoas a tentarem matá-la, por isso a tua ajuda dava-nos jeito. Se acabares numa vala comum algures, ao menos sabes que morreste a fazer algo de bom.

Drake arqueou uma sobrancelha, incapaz de esconder o sorriso irónico.

— Bem, se pões as coisas dessa maneira, como posso resistir?

Sully deu-lhe uma palmada no ombro.

— Obrigado. Isso significa mesmo muito para mim.

— Não te armes em lamechas, Sully. Ainda me fazes corar.

Sully revirou os olhos e virou costas, atravessando a rua na diagonal em direção a um edifício de cinco andares que ocupava metade do quarteirão, consistindo numa fila de apartamentos. Drake esperou que um estafeta numa velha motorizada passasse ruidosamente e depois foi atrás de Sully. O Upper West Side de Manhattan parecia um bom sítio para viver, com árvores plantadas ao longo do passeio e portões de ferro à altura da cintura em frente a pequenos caminhos que levavam às portas frontais. O edifício de apartamentos tinha portas vermelhas, janelas de telhado em cada canto e um pequeno pico ao estilo de chalé no centro. Sully dirigiu-se até à última porta no fim do quarteirão, onde a rua 82 se encontrava com a avenida West End.

Drake seguiu-o até ao vestíbulo. Sully carregou numa campanha com o nome Gorinsky e imediatamente a porta abriu-se.

O seu destino acabaria por ser um apartamento no quarto andar, nas traseiras do edifício. De acordo com Sully, pertencia a um velho amigo da universidade de Jada que estava a estudar noutro continente e que lhe tinha deixado uma chave e um convite para usar a casa sempre que ela estivesse na cidade. Se havia elevador, Drake não o tinha visto, e estava impressionado com a facilidade com que Sully subia as escadas. Não que esperasse que o seu velho amigo caísse a meio do caminho, mas Sully não estava a caminhar para novo, e fumar charutos não era propriamente o passatempo número um dos atletas.

A porta do apartamento abriu-se antes que eles a alcançassem. A mulher que estava de pé mesmo à entrada poderia passar por uma adolescente, à primeira vista. Vestia uma blusa de manga comprida de cor bege, calças pretas justas, e umas botas pretas simples, mais práticas do que na moda. O seu cabelo era preto, mas as longas franjas que lhe emolduravam o rosto tinham sido pintadas num tom de magenta vivo. Mas ao segundo olhar, Drake viu a imponência no seu corpo de um metro e sessenta e dois e a inteligência que brilhava nos seus olhos amendoados.

Definitivamente, Jada Hzujak já não era uma miúda.

— Mas que raio estás tu a fazer? — perguntou Sully num sussurro, apressando-a para o interior do apartamento. — Nem sequer perguntaste quem era antes de nos abrires a porta.

Jada levantou o queixo, pronta para armar discussão.

— Eu não sou estúpida, tio Vic. Há uma câmara no vestíbulo, lembra-te? Eu estava a ver-vos.

Espetou o polegar no painel do intercomunicador junto à porta. Drake não o via do corredor, mas calculou que Sully estaria a ver um ecrã onde

quem estivesse no apartamento podia ver quem estava a tocar à campainha lá em baixo, e a sentir-se bastante envergonhado. Drake sorriu perante a situação. Não costumava ver Sully a ser posto no seu lugar com frequência.

Então, Jada olhou para ele.

— Vais ficar aí no corredor a sorrir como um idiota, ou vais entrar?

— Por momentos nem eu tive a certeza — respondeu Drake, — mas acho que vou entrar.

Jada recuou para o deixar entrar, e depois fechou a porta e trancou-a atrás dele. Drake olhou de relance para Sully.

— O gato comeu-te a língua, “tio Vic”?

— Cala-te — resmungou Sully.

O apartamento estava tão arrumado que chegava a ser espartano, decorado em cores neutras por alguém sem grande imaginação. As poucas peças de arte nas paredes pareciam ter sido escolhidas para combinar com a decoração, em vez do contrário. Os únicos sinais de ser habitado eram as almofadas desarrumadas no sofá e a confusão de papéis e livros no chão e na mesa de café ali à beira.

— Jada, é provável que não te lembres do Nate — começou Sully.

— Lembro-me perfeitamente dele — disse Jada, prendendo uma madeixa magenta atrás da orelha enquanto olhava para Drake com frieza. — Embora na minha memória fosses mais alto.

Drake sorriu.

— Bem, sinceramente, tu eras bem mais baixa nessa altura.

— Também eras mais giro.

O sorriso dele desapareceu.

— Também tu. Como uma menina mandona de dez anos.

— Eu tinha doze.

— Eu sei.

Jada riu-se, e imediatamente ficou séria, como se se sentisse culpada por sentir qualquer tipo de frivolidade num mundo onde o seu pai tinha sido tão brutalmente assassinado. Conseguiu esboçar um pequeno sorriso melancólico, apenas o suficiente para demonstrar que havia gostado do confronto, e depois voltou-se novamente para Sully.

— Continuei a trabalhar depois de teres saído — disse Jada. — Queria ter alguma coisa para te mostrar quando chegasses.

Sully seguiu-a até ao sofá e sentou-se na beira enquanto ela arrumava os papéis na mesa de café e depois pegava em alguns do chão. Do seu lugar, Drake viu que muitos dos papéis eram desenhos do que pareciam ser labirintos; mas eram ilustrações como autênticas reproduções, e não apenas os rabiscos de um vulgar fabricante de puzzles.

— Quanto é que lhe contaste, a *ele*? — perguntou Jada a Sully.

— Apenas sobre o Henriksen, e sobre o Luka estar aterrorizado. Não entrei na parte histórica — respondeu Sully.

— *Ele* está mesmo aqui — disse Drake, olhando de Jada para Sully. — E eu pensava que ela não sabia de que tratava este projeto misterioso.

— *Ela* sabia algumas coisas e está a tentar descobrir o resto — disse Jada, inclinando a cabeça e avaliando Drake. — O que sabes sobre alquimia?

Drake encolheu os ombros.

— O que é que há para saber? Uns loucos pensavam que podiam transformar qualquer metal em ouro. Era fixe, não era? Embora os caçadores de tesouros ficassem sem trabalho.

Jada pegou num livro antigo; tinha a capa protetora amarelecida e rasgada nos cantos. Drake mal conseguia distinguir o título: *Ciência, Magia & Sociedade*.

— Não me parecees ser do tipo de fazer trabalhos de casa — disse ela. — Mas se quiseres pôr a leitura em dia, talvez não seja má ideia. Ao longo dos tempos houve muitos homens — quase sempre homens — que se apresentavam como alquimistas e que afirmavam conseguir fazer ouro. Eles afirmavam-se capazes de muitas outras coisas, também. St. Germain anunciou a toda a Europa que era imortal. Fulcanelli tinha reputação de ser feiticeiro. Nicholas Flamel supostamente desvendou os segredos da pedra filosofal.

Drake pegou no livro e virou algumas páginas.

— Na verdade, o meu favorito sempre foi Ostanes, o Persa. Sabes, o tipo que estava com Xerxes durante a invasão da Grécia? Pelos vistos introduziu as artes negras no mundo Helénico. Foi um belo malandro, esse.

Jada acenou com a cabeça, apreciando as suas palavras.

— A piada sobre trabalhos de casa? — disse ela. — Retiro-a.

Drake sentou-se no sofá, atento como se fosse um miúdo na escola.

— Não fiques muito impressionada — disse Sully, fungando. — Não se pode estar no ramo de adquirir antiguidades sem conhecer os principais alquimistas.

— Sim, eu coleciono todos os cromos — acrescentou Drake.

Sully lançou-lhe um olhar severo. Drake perguntou-se se seria para o fazer parar com as piadas ou parar de namoriscar. Não é que o namoriscar tivesse algum significado. Era um tique nervoso que tinha apanhado quando estava perto de mulheres que o intrigavam, e Jada definitivamente intrigava-o. Deslumbrante, inteligente e feroz, conseguia ainda assim ter um ar travesso que ele admirava. No entanto, Sully era obviamente muito protetor em relação a ela, e Drake não fazia tenções de pôr isso à prova.

— Tenho tirado notas, tentado encontrar algum sentido nas coisas

de que me lembro ouvir o meu pai dizer nas últimas semanas — explicou Jada, apontando para os papéis. — O tio Vic e eu fomos à biblioteca hoje de manhã depois de ele te ter ligado, e eu tentei encontrar os livros que tanto fascinaram o meu pai no final do verão. Alguns não consegui encontrar, mas tentei encontrar outras coisas que fossem semelhantes.

— O que mais me interessa é o que eu *não* encontrei — continuou, virando-se para Drake. — Uma das últimas coisas que me lembro de o meu pai dizer acerca de tudo isto foi que tinha encontrado algumas ligações entre tudo aquilo a que ele chamava “os grandes alquimistas” e o Rei Midas.

— Não é difícil — disse Sully. — Midas supostamente transformava o que quer que fosse em ouro só por lhe tocar.

Drake inclinou-se para a frente, pegando num dos desenhos labirínticos.

— Talvez me tenha escapado algo, mas da última vez que verifiquei, Midas era apenas um mito.

Jada acenou com a cabeça.

— Talvez. Mas o meu pai sempre disse que todas as lendas têm um pouco de História na sua origem.

— O que é isto? — perguntou Drake, levantando o desenho do labirinto.

Jada tirou-lho da mão.

— O meu pai tinha andado a fazer muita pesquisa, mas as suas buscas estavam divididas igualmente entre dois temas. O primeiro era alquimia. O outro eram labirintos.

— Qual é a ligação? — perguntou Drake.

— Ainda não sabemos — disse Sully, olhando para as ilustrações. — Hoje de manhã, a Jada procurou referências acerca de alguns dos labirintos mais famosos.

— Desenhar ajuda-me a pensar — disse Jada. — A maioria dos antigos labirintos hoje em dia existe apenas na forma de ruínas e alicerces. Mas os arqueólogos julgam ter descoberto os segredos de alguns deles. Existem diagramas. Tentei desenhá-los, para tentar encontrar *designs* semelhantes, esse tipo de coisas.

— E tiveste sorte? — perguntou Drake.

Jada ficou com uma expressão contemplativa.

— Um pouco — disse ela, alcançando um livro maior da mesinha de café. — Mas a maior sorte estava mesmo à minha frente, a partir do momento em que encontrámos este livro na biblioteca, e só me apercebi disso há vinte minutos.

Deu uma palmada na capa, chamando a atenção para o nome do autor: Maynard P. Cheney.

— Conhecês esse autor? — perguntou Sully.  
— Não — disse Jada. — Mas o meu pai falava com ele constantemente nas últimas semanas. O Cheney está a trabalhar numa nova exposição para o Museu de História Natural. Querem adivinhar o tema?  
Drake levantou a ilustração do labirinto e arqueou as sobrancelhas.  
— Exatamente — disse Jada, acenando com a cabeça.  
— O museu fica apenas a alguns quarteirões daqui — disse Sully, enquanto se levantava.  
— Vamos lá ter uma conversa com o Sr. Cheney — respondeu Drake, pousando a ilustração.  
Jada levantou-se, e os outros dois ficaram a olhar para ela. Pareceu confusa por um momento, e depois os seus olhos brilharam com raiva.  
— Ah, é que nem pensar — disse ela, olhando alternadamente para o tio e para Drake. — O meu pai está morto, e este tipo pode ajudar-nos a descobrir porquê. Se vocês estão à espera duma rapariga que vai trancar a porta e esconder-se atrás do sofá, então têm a donzela em perigo errada.  
Sully parecia prestes a argumentar; a ideia de ver Jada em perigo fê-lo empalidecer, mas bastou um olhar dela e ele desistiu da discussão. Drake cada vez gostava mais dela.  
Quando Jada abriu a porta e se dirigiu para o corredor à frente dos outros dois, Drake olhou de relance para Sully.  
— Parece que ela também vem.  
Sully sorriu, resignado.  
— Queres tentar impedi-la?  
Drake seguiu-a para o corredor.  
— De maneira nenhuma.

Enquanto desciam a rua 81, Drake deixou-se ficar para trás mantendo um olhar vigilante sobre Sully e Jada, mas também bastante alerta para o que os rodeava. Analisou todos os peões e todos os veículos, mas não viu qualquer sinal de que estivessem a ser seguidos. A caminho da parte alta da cidade, tinha considerado a paranoia de Sully como excessiva, mas agora já não tinha tanta certeza. Tinham apenas as pontas do puzzle que rodeava o assassinato de Luka, mas se ele tinha feito uma grande descoberta que envolvia alquimia, isso provavelmente significava que havia ouro. Talvez mesmo muito ouro. E havia mesmo muitas pessoas capazes de fazer qualquer coisa por tal tesouro. Observou as janelas e telhados, mas apercebeu-se de que agora era ele quem estava a ser demasiado paranoico. Mesmo que os assassinos de Luka — e por lógica seria mais de um, considerando o esforço necessário para pôr uma mala com um cadáver lá dentro numa plataforma



da estação sem ninguém dar conta — tivessem descoberto onde Jada estava escondida, não podiam prever que caminho Drake, Sully e Jada tomariam quando saíssem do apartamento.

Mesmo assim, Drake estava preocupado. Enquanto caminhavam, resolveu toda a história na sua cabeça. A mulher de Luka tinha apresentado o marido e o patrão um ao outro. Drake não sabia ao certo qual seria a função dela na Phoenix Innovations, mas tudo indicava que ela sabia pelo menos alguns detalhes acerca do projeto secreto, no qual Henriksen queria que Luka trabalhasse. Quando Luka recusou e começou a trabalhar no projeto por sua conta, isso teria deixado Olivia numa posição difícil. Teria ela contado a Henriksen o que o seu marido estava a fazer?

Jada referia-se a Olivia como a “madrasta má”. Talvez fosse apenas uma piada familiar, mas Drake duvidava que fosse. A questão era se Olivia Hzujak dava mais valor ao seu emprego do que ao casamento. E se ela tinha contado a Henriksen o que Luka tinha feito, seria este diretor multimilionário capaz de ir tão longe ao ponto de fazer com que o matassem?

Drake não sabia. Mas alguém matara Luka, e fizera-o de uma forma tão invulgar e macabra — bem, os assassinos não tinham tentado esconder o seu trabalho. Pelo contrário, tinham praticamente garantido que o mundo inteiro iria saber. Naquele momento, os detalhes acerca da descoberta do cadáver de Luka já estariam em todos os canais de notícias e por toda a Internet.

Algo ali não batia certo. Se tinha sido Henriksen a querer que Luka morresse, teria feito tamanho espetáculo em torno do crime? Parecia ser um risco demasiado grande para alguém com tanto a perder.

Refletindo sobre o assunto, Drake estugou o passo à medida que Sully e Jada passavam o museu à direita e chegavam à esquina da avenida Central Park West. Pareciam à vontade um com o outro, como se fossem pai e filha. Sully passava a maior parte do tempo concentrado nos seus próprios assuntos, por isso era fascinante vê-lo tão envolvido nos de outra pessoa. Não tinha filhos, mas Jada era sua afilhada, e era bastante claro que faria tudo para a proteger. Mesmo que Drake não se tivesse disposto a ajudar Jada — algo que fez tanto por ela, como pelo facto de aquele enigma o intrigar tanto —, teria alinhado apenas porque Sully lho pedira.

Era a única coisa que ele e Jada tinham em comum. Desde aquela manhã, Sully era para eles a coisa mais parecida com uma família. Drake subiu os degraus do museu a correr e entrou, encontrando Jada e Sully à sua espera no interior.

— Alguma coisa? — perguntou Sully.

— Que eu tenha visto, não — respondeu Drake — Mas não sou nenhum detetive, por isso o que sei eu?

Sully franziu o sobrolho.

— Não. Se soubessem onde estava a Jada, tinham-nos seguido desde o apartamento.

Jada pareceu aliviada enquanto Sully se dirigia para o balcão de informações. Para uma pessoa que tinha sabido do homicídio do próprio pai apenas há meio dia, estava a aguentar-se muito bem.

Quando chegaram ao pé de Sully, já ele tinha falado com o homem bem vestido que estava atrás do balcão, que tinha pegado num telefone e estava a ter uma conversa meio virado de costas para eles. Momentos depois, desligou o telefone e informou-os de que alguém da equipa do Dr. Cheney apareceria a qualquer momento para os ir buscar. Drake lutou contra a tentação de fazer uma piada acerca de alguém os ir “buscar” e juntou-se a Sully e a Jada que estavam de pé junto a uma planta enorme, tentando passar despercebidos.

Uma jovem atraente chegou para os ir buscar, apresentando-se como uma aluna de mestrado que trabalhava com o Dr. Cheney. Tinha o cabelo apanhado num puxo solto, desarranjado com arte, e embora a sua camisa-vermelha-escura e saia cinzenta estivessem na moda e fossem elegantes, Drake achou que ela parecia mais uma superespia dos filmes disfarçada de empregada de museu do que propriamente uma estudante de mestrado. Ela fazia-o ter vontade de se inscrever nas aulas ou tornar-se conservador de museus, e embora Jada e Sully já lhe tivessem feito perguntas enquanto ela os conduzia ao segundo andar, Drake tinha perdido o início da conversa.

— ...sinceramente surpreendida que a administração tenha alinhado nisso — dizia a mulher enquanto caminhava pelas escadas acima, à frente deles. — O Whitney Memorial Hall foi utilizado para exposições especiais inúmeras vezes, mas neste caso chegaram mesmo a deslocar a exposição de aves oceânicas para a Akeley Gallery. A maior parte das aves, devo dizer. A Akeley é um espaço menor, por isso algumas tiveram de ser armazenadas. De qualquer das formas, o facto de chegarem a esse ponto só demonstra o quanto valorizam o trabalho do Dr. Cheney. Há já semanas que ele trabalha noite e dia nas preparações.

Chegaram ao cimo das escadas, a uma rotunda<sup>3</sup>. Através de uma entrada gigante atrás dele, Drake viu elefantes, e a visão entristeceu-o. Já os tinha visto na realidade, no seu próprio território, e encontrá-los aqui parecia-lhe quase grotesco.

— Peço desculpa — disse ele, desviando a atenção dos elefantes. — Distraí-me por momentos. Que exposição é esta em que o Sr. Cheney está a trabalhar?

---

<sup>3</sup> Rotunda: Edifício circular com uma cúpula no cimo. (N. da T.)

A pergunta valeu-lhe um olhar de desprezo por parte da sua guia.

— A exposição do Dr. Cheney chama-se “Labirintos do Mundo Antigo”. A sua pesquisa em registos históricos e as provas físicas que conseguiu foram revolucionárias.

— E ele é o conservador da exposição? — perguntou Jada.

— Evidentemente. — A aluna de mestrado fungou, cada vez mais impaciente e visivelmente irritada com a ignorância demonstrada por eles.

Sem mais palavras, e esquecendo toda a cortesia, saiu a passos largos da rotunda para um corredor curto que passava pelos lavabos e por um bengaleiro. Uma corda de veludo bloqueava as enormes portas deslizantes ao fundo do corredor. Um pequeno suporte em latão segurava um sinal que pedia aos patronos das artes que desculpassem o museu pela sua aparência, enquanto estava a ser instalada uma nova exposição.

— Deviam mudá-la para as relações públicas — murmurou Drake a Sully e Jada. — Faz-nos sentir tão bem-vindos, não faz?

Sully lançou-lhe um ar reprovador, mas Jada nada disse. Manteve uma expressão de esperança enquanto seguiam a guia para lá da corda de veludo. A aluna de mestrado abriu as grandes portas com uma chave, deslizando uma delas para o lado, apenas o suficiente para que conseguissem passar.

— O Dr. Cheney está trancado aqui dentro? — perguntou Jada.

— Também existe uma entrada de serviço. Esta foi apenas a forma mais conveniente de vos trazer até aqui. E o Maynard tem uma chave, obviamente.

Drake esforçou-se por esconder o sorriso. *Ah, então agora é o Maynard.* Alguém tinha uma paixoneta pelo patrão. Teria sido adorável, se ela não fosse uma bruxa tão condescendente.

Ambos entraram na exposição depois de quase chocarem com Jada e Sully, que tinham parado para admirar o trabalho do Dr. Cheney. Drake arregalou os olhos à medida que assimilava o que os rodeava. Mesmo à frente deles estavam duas pedras gigantescas gravadas em línguas antigas: grego de um lado e hieróglifos egípcios do outro. Um estandarte pendurado na parede à direita anunciava o nome da exposição — “Labirintos do Mundo Antigo” — juntamente com o mote “Conseguirá encontrar a saída?”

— Não pode ser — sussurrou Jada.

— Por acaso, acho que até pode — respondeu Drake.

A estudante de mestrado deslizou a porta, fechando-a atrás deles, mas não se preocupou em trancá-la. Aparentemente, achou que não iriam estar ali muito tempo.

— Queiram seguir-me — disse ela. — Eu levo-vos através do labirinto. Peço-vos que não toquem em nada, e nada de fotografias, claro.

— Claro — disse Sully de forma seca.

A exposição sobre labirintos tinha sido construída precisamente em forma de labirinto, com informações expostas pelo caminho através de diagramas e modelos à escala. Tinham sido instalados ecrãs nas paredes com animações que recriavam a construção dos labirintos, e a intervalos regulares havia nichos nas paredes onde tinham sido colocados artefactos antigos, protegidos por vidros espessos. Algumas das placas que identificavam esses mesmos objetos ainda não tinham sido instaladas e alguns dos nichos ainda estavam vazios, mas Drake tinha a sensação de que não faltaria muito até que a exposição tivesse a sua estreia. E que estreia seria. Tinha a certeza que iriam acorrer multidões ao museu para se perderem no labirinto que o Dr. Cheney tinha construído.

No entanto, o caminho por onde a estudante irritada os tinha levado não era um labirinto de tamanho real, mas apenas um pequeno fragmento criado para dar aos visitantes a ilusão de estarem perdidos num labirinto vasto e amplo. À medida que viravam em esquinas apertadas e depois voltavam a contorná-las, Drake achou que o Dr. Cheney tinha feito um trabalho excelente. Na verdade, estar perdido não era ilusão nenhuma. Imaginou que quando a exposição estivesse terminada, haveria setas ou qualquer outro tipo de sinal para as pessoas saberem se estavam a ir na direção certa, mas ele estaria perdido sem a sua guia, e achava que o mesmo se aplicaria a Sully e Jada.

— Há algum Minotauro? — perguntou Jada.

A aluna de mestrado olhou-os de relance por cima do ombro e sorriu com arrogância.

— Não. Mas haverá uma curva em falso que será muito sombria, e vai ouvir-se um rugido vindo de lá. Depois as luzes apagam-se, e há uma apresentação completa sobre a lenda do Minotauro. É suposto concentrarmonos na História, não nos mitos, mas as pessoas que vêm a uma exposição sobre labirintos vão estar à espera que haja *alguma coisa* sobre a lenda.

Jada ia responder, mas não chegou a dizer nada. O que quer que ela fosse dizer foi interrompido por um horrível grito que ecoou pelo labirinto, parecendo vir de todos os lados e de lado nenhum ao mesmo tempo. A voz de um homem, em pânico e sofrimento.

— Mas que raio... — resmungou Sully.

A estudante paralisou.

— Maynard? — chamou, com uma expressão de pânico.

Drake e Jada trocaram olhares, e ele apercebeu-se pela posição dela que ambos faziam a mesma coisa: estavam à escuta, tentando perceber a origem do grito. No labirinto, poderia ser impossível saber o sítio exato.

— Por aqui — disse Drake, virando à esquerda.

— Não — disse a guia, agarrando-lhe o braço. — É um beco sem saída.

A aluna de mestrado caminhou sempre em frente, e por um breve momento Drake julgou que ela ia chocar com a parede. Só quando ela a atravessou é que ele viu a abertura; uma ilusão de ótica fizera com que a parede parecesse uma superfície sólida. O Dr. Cheney tinha-se ultrapassado a si mesmo ao criar a sua exposição de labirintos, mas o tempo de a apreciar tinha-se esgotado.

Drake, Sully e Jada seguiram-na pela abertura e em torno de uma curva apertada que os levou até uma bifurcação.

— Por onde? — perguntou Jada.

A estudante de mestrado parecia estar prestes a virar à direita, mas de repente ouviram-se vidros a estilhaçar e o estrondo de uma pancada forte contra as paredes. Drake passou pela mulher a correr, descendo pelo corredor à esquerda. O som tinha sido próximo e, com a pancada na parede, agora não restavam dúvidas acerca da direção a seguir.

Drake contornou uma vitrina, raspou contra a parede de pedra falsa, e virou bruscamente à direita. Parecia que tinha mudado de direção; por segundos pensou que o labirinto o tinha enganado, mas depois este dividiu-se em duas passagens estreitas, uma em cada direção, e ele virou à esquerda novamente, apressando-se na direção do estrondo. Ouviu Jada, Sully e a sua guia a seguirem-no, mas não abrandou. Aquele grito não tinha sido de medo, mas sim de dor. E muito mais do que dor. Já tinha ouvido homens a gritar assim, apenas nas piores circunstâncias, quando o sangue tinha sido derramado e a vida se escapava.

— Cuidado, Nate! — gritou Sully.

Drake abrandou, tendo em consideração o aviso. Não tinham ouvido disparos, mas não havia forma de saber o que os esperava mais à frente. Passou a correr por uma vasta escuridão à sua direita e pensou se seria ali que mais tarde iria ouvir-se o rugido do Minotauro. Depois chegou a uma curva onde o teto descia até uma entrada arqueada. Passou por ela agachando-se, e quase tropeçou num homem estendido no chão.

— Raios — resmungou, enquanto recuperava o equilíbrio.

Um olhar rápido para os olhos vazios e mortiços do homem — para além das feridas das facadas que tinha levado no peito e do sangue a manchar-lhe a roupa e a acumular-se no chão debaixo dele — era o suficiente para Drake se aperceber de que o homem não ia sobreviver.

## 4

O sangue borbulhava nos lábios do Dr. Cheney, enquanto este tentava respirar e todo o seu corpo tremia.

Drake analisou a cena instantaneamente. Um mostruário tinha sido destruído na luta do homem com o assassino. Os salpicos de sangue na parede mostravam onde o homem moribundo tinha chocado com ela, tentando não cair.

Sully, Jada e a sua guia agacharam-se para avançar pela passagem baixa, e quando a aluna de mestrado viu o homem moribundo, gritou o seu nome.

— Maynard! — gritou, e apressou-se a ajoelhar-se ao seu lado, rezando baixinho e negando o que tinha acontecido, numa torrente de desgosto.

— Não lhe toques — avisou Sully, quando ela tentou levantar-lhe a cabeça.

A mulher olhou para cima, confusa, mas Drake viu nos seus olhos que ela compreendia a preocupação de Sully. A polícia não queria que a cena do crime fosse perturbada. Ela queria ajudar o conservador, mas qualquer um conseguia ver que não havia nada que ela pudesse fazer.

Drake afastou-se da mulher angustiada. Correu até à curva seguinte no corredor e espreitou para lá da esquina, à escuta de passos ameaçadores. Não estavam a mais de trinta segundos de distância do assassino, mas isso podia ser uma eternidade, se o sacana soubesse onde ia. Drake estava prestes a persegui-lo mesmo assim, mas hesitou.

— Ei — disse, voltando a correr para os outros, apercebendo-se de

que não sabia o nome da aluna de mestrado — Para que lado é a entrada de pessoal de que falaste há pouco?

A aluna pestanejou, levantou o olhar do moribundo Dr. Cheney, e olhou para Drake.

— Ali atrás — disse, olhando para o caminho por onde tinham vindo. — Pela alcova do Minotauro. É a zona escura à esquerda, quando você...

Mas Drake tinha parado de ouvir. Ele lembrava-se. Tinham acabado de passar por lá, provavelmente um ou dois segundos antes de o assassino ter desaparecido na escuridão. Até podia ter lá estado escondido nas sombras, esperando em silêncio enquanto eles passavam.

— Fica com ela — disse Drake a Sully.

Sully abanou a cabeça concordando, mas não pareceu muito contente.

Drake correu pela passagem agachado, levantando-se ao sair para o corredor. Ouviu Jada a segui-lo, desejando que ela tivesse ficado com Sully, mas não perdeu tempo a discutir com ela. Apenas algumas horas com a Jada Hzujak adulta foram suficientes para saber que ela não era o tipo de mulher que ficava sentada à espera na hora de entrar em ação.

Deram duas voltas ao labirinto a correr, refazendo os seus passos, chegando por fim à alcova do Minotauro. Drake não abrandou, mergulhando na escuridão com as mãos à sua frente. Tropeçou em alguns cabos soltos no chão mas segurou-se à parede na traseira da alcova.

— Vê onde pões os pés, Jada — disse ele, com os olhos ainda a adaptarem-se à escuridão, quando encontrou uma maçaneta e a rodou, lançando-se para um corredor estreito e de luz fraca que nada se parecia com o interior do labirinto.

Equipamento de som e uma bancada de trabalho bloqueavam o caminho à direita, por isso viraram à esquerda, precipitando-se pelo corredor estreito criado pelos fundos falsos dos muros do labirinto. Contraplacado, tábuas de madeira e lâmpadas a descoberto faziam-no pensar estar nos bastidores de um teatro.

*Que raio estou eu a fazer?* pensou Drake. Luka tinha sido assassinado, e agora o Dr. Cheney, que aparentemente o tinha ajudado com a investigação do labirinto, estava a morrer. O que quer que Luka tivesse descoberto, alguém não queria que se tornasse público. Se os assassinos pensassem que o pai de Jada podia ter partilhado os seus segredos com ela, então esta também seria um alvo, tal como temia. E, no entanto, ali estavam eles a perseguir justamente uma das pessoas que a queriam morta.

O corredor fazia um corte à direita na diagonal, e Drake seguiu-o. Ziguezagueava entre curvas no labirinto; era um espaço escondido, um labirinto dentro do labirinto. Conseguia ouvir os passos de Jada mesmo atrás de si, a respiração dela tão próxima que quase a sentia; e sabia que estavam

a ser imprudentes ao correr aquele risco. Mas também sabia que ela queria respostas e que não iria parar apenas para se salvar a ela própria.

O labirinto acabou abruptamente. As paredes de ambos os lados estavam cortadas e as alas do labirinto davam meia-volta, mas o corredor estreito em que Drake e Jada estavam chegou a um par de portas metálicas duplas com um sinal de saída a brilhar acima deles, e um sinal de aviso que anunciava que a porta devia ser usada apenas por funcionários do museu.

Drake irrompeu pela porta e deu consigo no patamar de uma escada. Jada parou ao lado dele, derrapando, e olhou primeiro para cima e depois para baixo.

— Por onde? — perguntou ela, com os seus olhos amendoados iluminados por uma determinação tenaz, com as franjas magenta a emoldurarem-lhe o rosto.

— Não há maneira de saber — disse ele. — E seríamos loucos se tentássemos adivinhar. Temos de voltar para junto do Sully e sair daqui.

— O quê? — Jada explodiu, virando-se contra ele. — O Dr. Cheney é a nossa única pista, e está lá atrás a morrer. Se apanhássemos este tipo, podíamos obrigá-lo a contar-nos...

Drake abanou a cabeça.

— Nunca o iremos apanhar. Ele tem um avanço sobre nós, e nem sabemos onde ele está nem qual é o seu aspeto. Quer tenha ido para cima ou para baixo, nesta altura já se misturou com os empregados ou com os visitantes e está a caminho da saída. A melhor coisa a fazer neste momento é sair daqui.

Jada semicerrou os olhos.

— Achas que estou em perigo?

— Estavas escondida no apartamento de um amigo porque *tu* julgavas estar em perigo — lembrou-lhe Drake. — A diferença é que agora acredito em ti.

— Boa — disse ela. — Não costumavas ser charmoso?

— Sim. Mas estranhamente, não estou para aí virado hoje.

A aparência insensível de Jada suavizou-se, e por um momento Drake viu o sofrimento e a vulnerabilidade no seu interior.

— Anda — disse ela — Vamos embora.

Jada voltou a correr pelo corredor com cheiro a serradura. Drake seguiu-a, pensando onde é que tudo isto iria levá-los. Tanto ele como Sully não eram guarda-costas nem detetives privados, e muito menos polícias. Isto não era trabalho para eles, mas Sully nunca iria ver as coisas dessa forma, e até mesmo Drake pressentia que ele próprio já se tinha envolvido de mais para voltar atrás.

Jada deixara a porta para a alcova do Minotauro parcialmente aberta,



mas quando voltaram a passar por ela, Drake fechou-a com firmeza e limpou as maçanetas dos dois lados, já a pensar antecipadamente. A polícia chegaria a qualquer momento, e aí todas as suas opções estariam esgotadas. O que pudesse acontecer depois estava nas mãos dos detetives encarregues do caso.

Abaixaram-se e foram pela passagem de teto baixo, saindo a apenas alguns metros de distância de dois seguranças que estavam junto ao corpo do Dr. Maynard Cheney; um deles estava ao telemóvel a reportar o crime, e o outro limitava-se a coçar a cabeça, apreensivo.

Quando Drake e Jada entraram, os seguranças viraram-se e um deles alcançou o *taser* que trazia de lado.

— Alto! — disse Drake, pondo as mãos acima da cabeça. — Nós estamos com eles, colega.

Os seguranças olharam para Sully e para a aluna de mestrado, que estavam sentados encostados à parede, um pouco mais abaixo no corredor.

— Está tudo bem — disse a mulher. — Eles estavam comigo quando o encontrei.

Dito isto, os seguranças ignoraram Drake e Jada. Pareciam bastante abalados, e Drake achou que ficariam muito aliviados quando a polícia chegasse.

Olhou de relance para o corpo. O Dr. Cheney estava na mesma posição, ainda a sangrar, com a carne cada vez mais pálida, à medida que o sangue lhe escorria do corpo. O peito do homem cessara de subir e descer. Bastou observar os olhos raiados de sangue da estudante de mestrado, para as suas lágrimas e para a forma como Sully a abraçava — embaraçado e constrangido por reconfortá-la e assistir a um momento de sofrimento tão íntimo — para se tornar claro que não era preciso chamar uma ambulância. A partir do momento em que Drake vira a extensão dos ferimentos do Dr. Cheney, soubera que o destino do homem estava traçado.

— Tio Vic — disse Jada suavemente, com os olhos a começar a encher-se de lágrimas ao ver o homem morto. — Temos de ir.

Sully abanou a cabeça, alertando-os para o que pudessem dizer junto aos seguranças. Inclinou-se e disse algo à aluna de mestrado num tom suave que Drake raramente ouvira vindo dele.

— Gretchen — disse ele num tom baixo. — Diz-lhes o que me disseste a mim. E depressa, por favor. Não temos muito tempo.

Aparentemente, a estudante de mestrado tinha nome, e Drake achava que lhe assentava muito bem. Drake e Jada aproximaram-se mais, e ele olhou de relance por cima do ombro, certificando-se de que os seguranças não tentavam ouvi-los.

Gretchen olhou para Jada.

— És a filha do Luka Hzujak?

Jada assentiu com a cabeça.

— E ele está mesmo morto?

Jada respirou fundo, limpando uma lágrima; visivelmente a lutar contra o seu luto.

— Sim. Assassinado. E quem o matou provavelmente também matou o Dr. Cheney.

— Qual é a ligação, Gretchen? — perguntou Drake em voz baixa, olhando outra vez para os seguranças e pensando quanto tempo faltaria até que a polícia parasse em frente ao museu. — O pai da Jada andava a estudar labirintos. Ele fez alguma descoberta, descobriu um mistério qualquer que o entusiasmou.

— Eu não sei tudo — disse Gretchen. — É só... meu Deus, é apenas *História*. Mas sei que o Maynard falou ao Professor Hzujak sobre uma ligação que tinha encontrado entre o túmulo labiríntico da Décima Segunda Dinastia Egípcia e o labirinto de Cnossos, o do Minotauro...

— Pensava que era apenas uma lenda — interrompeu Drake.

— Também eu — disse Gretchen, assentindo com a cabeça. — Mas o registo histórico confirma que algo esteve em exibição lá no primeiro século antes de Cristo. Aceita-se que o labirinto de Cnossos existiu, mas a questão é quanto da história é real e quanto é mito.

» O Maynard julgava ter encontrado parte da resposta. O museu neste momento está a organizar uma escavação arqueológica junto à Cidade dos Crocodilos, no Egito — o meu irmão Ian é um dos gestores do projeto — e já encontraram algumas coisas incríveis.

— O meu pai esteve no Egito há apenas algumas semanas — disse Jada, em voz baixa.

Gretchen assentiu com a cabeça.

— Sim. Ele visitou a escavação. Não sabias porque é que ele tinha ido lá? Jada abraçou-se a ela própria.

— Pesquisa, foi o que ele me disse.

— O Maynard tinha estado a traduzir as inscrições dos artefactos que têm vindo da escavação — continuou Gretchen. — Ele encontrou referências de três labirintos diferentes, todos a ser usados ao mesmo tempo e todos desenhados por Dédalo.

— Outro mito — disse Drake.

— Baseado numa pessoa real — disse Gretchen.

— Vá lá, Nate — interrompeu Sully. — Quantas vezes já provámos que a maior parte das lendas tem pelo menos um fundo de verdade?

Drake concordou, acenando com a cabeça. Não podia contestar as suas próprias experiências.

— Então e Midas? — perguntou Drake, pensando na pesquisa de Luka sobre alquimia.

Gretchen abanou a cabeça.

— Não, tanto quanto o Maynard sabia, toda aquela história sobre o “Toque de Midas”, de transformar coisas em ouro, era apenas uma lenda. Tinha algum significado, mas ele ainda não tinha descoberto qual era.

— No entanto, o Dr. Cheney achava que tinha conseguido provar o resto? — perguntou Jada.

— Ele estava certo disso — disse Gretchen, agora um pouco sem fôlego, limpando as lágrimas enquanto olhava de relance para os seguranças. Não tinha motivos para acreditar na história deles, tirando o luto de Jada que viu refletido no seu e que lhe mostrou o quão vital esta informação era para eles.

— Até havia referências do Minotauro — continuou. — Não apenas a de Creta, mas também no Egito. Ambos os labirintos continham monstros, de acordo com as inscrições encontradas na escavação do Egito. Há mais do que um fundo de verdade nisto, e ele tinha provas. Mal começou a juntar aquilo tudo, recebeu a aprovação do museu para avançar com a exposição.

Sully começou a levantar-se. Gretchen estendeu-lhe a mão, como se temesse que a deixassem sozinha, embora os seguranças ali estivessem. Sully pegou-lhe na mão e ajudou-a a levantar-se também.

— Jada — disse Sully. — O Dr. Cheney disse à Gretchen que achava que o que quer que o teu pai procurava tinha de estar no centro do terceiro labirinto.

— Onde é que era esse? — perguntou Drake.

— Aí é que está — disse Gretchen, olhando alternadamente para Drake e Jada. — É um mistério. Mas o teu pai ligou ao Maynard há dias, e quando desligaram, o Maynard estava muito empolgado. O teu pai achava ter descoberto a localização do terceiro labirinto. Não queria dizer onde era até ter confirmado, mas o Maynard acreditou nele. Disse que, se alguém o conseguia encontrar, seria o Luka Hzuajak.

As duas jovens trocaram um olhar de angústia partilhada, e Drake baixou o olhar, sentindo-se como se ele e Sully fossem intrusos. Mas depois Jada tocou-lhe o braço, e ele levantou o olhar na direção dela.

— Tem de ser isto — disse ela, mas estava a olhar fixamente para Sully. — Foi por causa disto que o mataram, tio Vic.

— Para manter o segredo? — perguntou Gretchen, duvidosa.

— Ou para evitar que o Luka lá chegasse primeiro — disse Sully, virando-se para Drake.

— O Henriksen? — perguntou Drake. — Já era o nosso maior palpíte. Os rádios dos seguranças crepitaram com vozes e estática.

A polícia estava a subir. Os agentes estariam no cimo das escadas a qualquer momento.

— Temos de ir — disse Sully, olhando para Jada.

— Gretchen, ouve — disse Drake, olhando-a intensamente. — Disseste que o teu irmão está a trabalhar naquela escavação, no Egito. Se nós conseguirmos chegar lá, podes dar uma palavrinha por nós? Temos de ter acesso àquele lugar.

— O quê? — perguntou Jada. — Egito?

Mas Sully estava a abanar a cabeça, olhando para Gretchen com expectativa.

— É a única maneira de descobrirmos quem de facto está por trás disto.

Gretchen olhou de relance para o cadáver do Dr. Cheney. Depois acenou com a cabeça, concordando.

— Eu ligo-lhe.

— Ótimo — disse Sully. — Peço desculpa, mas temos de ir. Quando isto tudo acabar, terás notícias minhas. Vamos garantir que saberás a verdade.

— Obrigada — disse ela, com a sua expressão a desmoronar à medida que eles se afastavam e ela se via forçada a lidar novamente com a morte de um homem que obviamente admirava e amava.

— Onde é que vocês julgam que vão? — perguntou um dos seguranças.

— A polícia vem aí, não vem? — disse Drake no tom mais sensato que conseguiu arranjar. — Eles nunca encontrarão o caminho até aqui. Nós vamos ter com eles e guiá-los até aqui.

— Certo — disse o segurança. — Devíamos ter-nos lembrado disso.

— Ei, não se preocupem — respondeu Sully. — Nenhum de nós consegue pensar direito neste momento. Que dia horrível.

— Exatamente — disse o segurança.

Assim que Drake, Jada e Sully atravessaram a passagem baixa, precipitaram-se pelo corredor cheio de curvas até à alcova do Minotauro. Conseguiram ouvir as vozes e os estalidos dos rádios da polícia que se aproximavam enquanto se esgueiravam em silêncio pela porta na traseira da alcova e depois se apressavam pelo estreito corredor dos “bastidores”, que dava para a saída de pessoal.

— Mas como raio é que vamos para o Egito? — perguntou Sully a Drake.

— Havemos de arranjar maneira.

— Ainda não podemos ir — disse Jada, enquanto desciam a correr pela escada dos empregados. — Só depois do funeral do meu pai.

Sully parou e virou-se para ela, segurando-lhe as mãos.

— Jada, ouve. A forma como ele morreu... vai demorar dias até que o médico legista deixe o corpo ser enterrado. Se o Henriksen está por trás disto tudo, tem vindo a trabalhar nisto há algum tempo. Sejam quais forem os segredos que o Luka descobriu, das duas uma, ou o Henriksen já os sabe ou então está a tentar descobri-los neste momento. Se vamos desvendar este mistério, não podemos deixar que ele os descubra primeiro.

Jada parecia frustrada e confusa.

— E se eles já estiverem prontos para mo entregar e eu ainda não tiver voltado?

— Nós deixamos um aviso — prometeu Drake. — Vamos certificar-nos de que alguém está aqui para reclamar o corpo ou então que o laboratório forense fica com ele até que tu possas tratar do assunto. Mas o outro problema é que os assassinos do teu pai andam atrás de ti, um funeral ia deixar-te exposta e vulnerável.

Jada semicerrou os olhos.

— Mal eles descubram que vocês me estão a ajudar, vocês também se vão tornar alvos.

— *Ná* — disse Drake, sorrindo. — Quem é que haveria de querer magoar um tipo encantador como eu?

— Às vezes, *eu* quero — disse Sully. — Vamos.

Apressaram-se a descer até ao primeiro andar, pararam por um momento para recuperar a compostura, e abriram a porta. Ninguém tentou detê-los. Drake tinha-se lembrado das câmaras, mas achou que se aquelas portas de serviço estavam sob vigilância, ou o assassino as tinha desligado para evitar ser visto — e nesse caso não tinham nada com que se preocupar — ou então a polícia iria analisar o vídeo até o assassino aparecer e pararia aí. Esperava ele.

Ao sair do museu, tiveram de ser identificados e revistados pela polícia, e ainda responder a algumas perguntas. Depois, estavam novamente na rua, a caminhar de volta para o apartamento onde Jada tinha ficado nos últimos tempos.

— Temos de ir a casa do Luka — disse Drake.

Sully fitou-o.

— Isso não é boa ideia.

— A polícia de certeza que já a revistou — argumentou Drake. — E não vão andar à procura do mesmo que nós. Se houver apontamentos ou ficheiros no computador acerca disto, nós precisamos deles. Precisamos de toda a informação que conseguirmos arranjar sobre isto. Até descobrirmos de que é que o Henriksen anda realmente atrás e lhe conseguirmos pôr a mão...

— E expô-lo — acrescentou Jada.  
— ...a Jada nunca estará a salvo.  
— Não sei — disse Sully. — Talvez devêssemos falar com a Olivia.  
Jada atirou o cabelo para trás e fitou-o.  
— Nem pensar. Aquela cabra está envolvida nisto de alguma forma.  
Tenho a certeza. É a única coisa que faz sentido.  
— Não podes ter a certeza disso — respondeu Sully.  
— Mas tenho — insistiu Jada, tirando do bolso o telemóvel fino e vermelho. Abriu-o, ligou-o e esperou um pouco até que este funcionasse. — Uau, olhem só. Nenhuma mensagem. A polícia já lhe deve ter dito há horas que encontraram o marido dela morto e... — a voz falhou-lhe — e metido num *baú* velho. Mas ela nem sequer tentou entrar em contacto comigo. A filha dele? A enteada dela?  
— Tens razão — disse Sully, levantando as mãos. — Eu acredito. Vamos a casa do Luka. Mas temos de ter cuidado. Se de facto é o Henriksen, o mais certo é ele ter pessoal a vigiar o sítio.  
— Temos de arriscar — disse Drake. — E se vierem atrás de nós, talvez consigamos apanhar um deles e confirmar as nossas suspeitas acerca da Phoenix Innovations.  
Todos de acordo, caminharam em silêncio por mais de um quarteirão antes de Sully ter feito sinal a um táxi, preparando-se para qualquer sarilho que pudesse esperá-los no apartamento de Luka Hzuajak.  
Quando lá chegaram, encontraram o edifício em chamas.

Antes de alguém o ter decapitado, mutilado e ainda ter colocado as partes do seu corpo num velho baú que cheirava a maré rasa e bolas de naftalina, o Professor Luka Hzuajak vivera num prédio de quatro andares, feito em tijolo na rua 12, a oeste de Abingdon Square Park, na West Village, onde árvores delicadas brotavam de ranhuras no passeio estreito. Com ornamentos de pedra acima das janelas, pequenas chaminés e janelas salientes no telhado, o edifício tinha aspeto de ter sido tirado do *Oliver Twist*, exceto pelo facto de estar a arder.

Drake avistou o fumo pela janela do táxi, a vários quarteirões de distância. Alguns segundos depois, Sully franziu o sobrolho, cheirando o ar. O cheiro de um incêndio daquelas dimensões nunca era um bom presságio.

— Encoste aqui — disse Drake.

O taxista obedeceu, e Sully e Jada saíram do táxi enquanto Drake pagava ao homem, dando-lhe também uma gorjeta generosa, principalmente porque não havia tempo para esperar pelo troco. Bateu com a porta e pôs as mãos nos bolsos enquanto se apressava a juntar-se a Sully e Jada. Ainda

nenhum deles tinha dito nada, mas Drake tinha a certeza que todos sabiam qual o edifício que estava a arder.

Quando chegaram à esquina da rua 12 ocidental, não havia surpresas à sua espera, mas Jada parecia ter levado um soco no estômago. Abraçou-se a si mesma com firmeza e deu um passo atrás, afastando-se da visão do incêndio no prédio onde o seu pai vivera.

Ouviam-se sirenes, e um carro da polícia parou do outro lado da rua. Os bombeiros já tinham deitado mãos à obra, com as mangueiras a contorcerem-se ao longo do pavimento e sobre a beira do passeio. Uma idosa estava sentada numa maca atrás de uma ambulância, olhando em estado de choque para o edifício, enquanto um paramédico lhe punha uma máscara de oxigénio no rosto. Outras pessoas — aparentemente moradores — permaneciam do lado oposto ao do edifício, uns mais despidos que outros, quase todos pelo menos descalços, enquanto alguns polícias os interrogavam.

Drake pensou há quanto tempo Luka moraria ali e se haveria restos da história da sua vida guardados noutra local. Caso contrário, Jada tinha perdido não só o seu pai, mas também todos os seus documentos e fotografias, todas as memórias da sua vida. Drake observou-a enquanto esta cobria a boca com as mãos trémulas, e ficou triste por ela. Jada parecia querer gritar, fugir ou bater em alguém, mas não sabia o que fazer a seguir.

— Isto está a acontecer tudo muito depressa — sussurrou Drake a Sully.

Sully semicerrou os olhos e abanou a cabeça concordando; depois foi ter com Jada e pôs um braço à volta dela.

— Ouve, miúda — disse Sully, asperamente. — Não vamos conseguir nada útil aqui. Se ficarmos por cá, estamos a pedir sarilhos, especialmente se quem fez isto está por aí à tua procura.

Jada deu meia-volta, virando-se para ele; as mechas de cabelo magenta voaram-lhe sobre o rosto.

— Nós *sabemos* quem fez isto! — gritou ela. — E eu não me vou esconder mais.

Graças aos semáforos e ao trânsito de Nova Iorque, o táxi que os tinha deixado não fora muito longe. À medida que o taxista acelerava pelo cruzamento, dobrando-se para ver o edifício em chamas e todos os veículos de emergência, Jada correu para a estrada e fez-lhe sinal.

— Achas que... — começou Sully.

— Phoenix Innovations — disse Drake.

Sully praguejou.

— Isto é muito má ideia — disse ele, enquanto corria atrás de Jada.

— Sim — concordou Drake. — Mas vais detê-la?

Sully ignorou a pergunta, mas ambos sabiam a resposta. Tendo em conta o sofrimento por que Jada estava a passar, não a culpavam por querer confrontar o homem que ela suspeitava ser responsável pela morte do seu pai, ou a madrasta que ela julgava tê-lo atraído. Mas tudo isso não fazia com que essa fosse uma boa ideia. Drake duvidava que conseguissem tê-la convencido a não ir ao escritório de Tyr Henriksen, o que significava que o melhor a fazer seria protegê-la.

— Para a esquina da rua 59 com a Broadway — disse Jada, praticamente atirando-se para o banco de trás do táxi.

— Acabei de os deixar — disse o taxista, perplexo.

— Sim — resmungou Sully. — Mudança de planos.

Sully parou antes de entrar no táxi e olhou para trás, na direção de Drake.

— O que quer que aconteça, tem de ser o mais público possível — disse ele. — Temos de garantir que as câmaras de segurança nos apanham, que as pessoas nos veem a entrar no escritório do Henriksen. Vai contra todas as regras que alguma vez tivemos...

— Não, tens razão — disse Drake. — Se vamos entrar lá, temos de nos certificar que a Jada não passa despercebida. Por muito que a queiram calar, não a vão matar no escritório se centenas de pessoas a virem entrar.

Ouviram vidros a estilhaçar atrás deles, e viraram-se para ver nuvens de fumo negro e chamas vivas a sair das janelas que explodiam nos últimos andares. O edifício estava perdido, e era impossível conseguir um incêndio que consumisse tanto sem algum tipo de catalisador. Os investigadores saberiam imediatamente que tinha sido fogo posto, mas isso não importava se não conseguissem descobrir a identidade do incendiário.

Sully entrou para o táxi, sentando-se ao lado de Jada. Drake olhou de relance para o taxista confuso, mas o homem parecia concentrado no espetáculo dos bombeiros a trabalhar. Depois, uma ambulância aproximou-se por trás deles e tocou a sirene com estrondo, apressando-os a sair da frente; o taxista pareceu ficar irritado e fez sinal a Drake para entrar.

Quando Drake baixou a cabeça para entrar para o banco de trás, a janela da porta que estava aberta explodiu, criando uma chuva de vidros partidos.

— Mas que... — começou Sully.

Uma bala atravessou o tejadilho, alojando-se no assento por trás da cabeça de Jada.

— Baixem-se! — gritou Drake, quando outro tiro acertou no exterior do táxi.

Com um ronco ruidoso, um SUV preto passou a acelerar pela ambu-



lância e parou ao lado do táxi, derrapando. Tinha os vidros fumados, mas a janela do lado do passageiro começou a abrir, e Drake soube que, de uma maneira ou de outra, iam morrer. Se o atirador furtivo no telhado do outro lado da rua não os matasse — só isso explicaria o ângulo dos primeiros disparos —, os sacanas do SUV iam fazer com que as suas mortes parecessem um tiroteio em andamento, ao estilo dos *gangsters*.

— Arranque! — gritou ele ao taxista.

O homem atrás do volante da ambulância despertou, pondo o veículo em marcha-atrás e acelerando em retirada. Por toda a rua 12 ocidental as pessoas tinham começado a desviar a atenção do fogo, ao ouvir os disparos.

— Porra, arranque com o carro! — gritou Drake, batendo no vidro separador para chamar a atenção do taxista aterrorizado.

O homem tinha-se abaixado, escondendo-se atrás do tablier. Qualquer coisa — a ordem de Drake ou talvez o seu próprio instinto de sobrevivência — o fez perceber que se ficassem ali especados, seriam mortos, por isso endireitou-se e meteu a primeira.

Uma bala do atirador furtivo atravessou o para-brisas e acertou-lhe no peito. Ele contorceu-se contra o assento e depois começou a deslizar para o lado, com as mãos a tremer ao volante.

— Filho da mãe! — exclamou Sully. — Preciso de uma arma, Nate!

Mas eles não tinham armas. Ainda não. De certeza que as iriam buscar, mas por agora a única hipótese que tinham era fugir. Drake abriu a porta de trás, mantendo-se abaixado enquanto abria a da frente. O táxi já tinha começado a andar, mas ainda não tinha ganho velocidade.

Viu uma arma a sair da janela aberta do SUV, quando se atirou para o banco da frente. Com ambas as mãos, agarrou o taxista e puxou-o para si, começando depois a trepar por cima dele.

Havia balas a acertar na parte lateral do táxi, estilhaçando as janelas frontais e traseiras, e perfurando as portas de metal. Uma acertou na coxa do condutor. Drake ainda teve tempo suficiente para pensar que o que estava a fazer era uma loucura, que era suicídio colocar-se no caminho das balas. Mas sabia que não fazer nada também seria suicídio.

Pôs as mãos ao volante, manteve a cabeça de lado, e estava prestes a acelerar quando se ouviu um embate estrondoso e esmagador. Arriscou olhar para cima e viu que o condutor da ambulância tinha abalroado a traseira do SUV, de propósito.

— Este sacana é louco! — gritou Sully, entusiasmado.

— Deu-nos alguns segundos — disse Drake.

Jada gritou quando mais uma bala fez um buraco no tejadilho, mais um ataque do atirador furtivo, que fez entrar a luz do dia.

Drake rangeu os dentes. Tinham de fugir de ambos os ataques, tanto do atirador como do SUV, e só havia uma direção em aberto que Drake sabia que tornaria isso possível. Fez marcha-atrás bruscamente, recuou cerca de dez metros, voltou a meter a primeira, virou o volante para a direita, e derrapou ao entrar numa curva em direção à rua 12 ocidental.

— Estás *maluco*? — gritou Sully.

— Vais acertar no carro dos bombeiros! — avisou Jada.

Com os nós dos dedos esbranquiçados sobre o volante, Drake conduziu direito ao carro de bombeiros mais próximo. Os bombeiros gritaram e acenaram-lhe, tentando mandá-lo embora. Os sobreviventes do edifício em chamas apressaram-se a sair do caminho. Os dois polícias que estavam no passeio puxaram das armas, mas não depressa o suficiente, quando Drake passou disparado com o táxi pelo espaço entre o carro dos bombeiros e a ambulância, e acelerou pela rua abaixo em direção aos carros da polícia que ali o esperavam.

O tiroteio atravessava os ares, ecoando nos edifícios, mas ele não abrandou.

— Jada, eles estão a seguir-nos? — perguntou Drake.

Ela girou no banco de trás e olhou pelo vidro traseiro.

— Sim!

— Estás a brincar? — disse Sully. — Mas quem são aqueles tipos?

— Estaremos fora do alcance do atirador assim que virarmos a esquina — disse-lhes Drake.

— Então e os maluquinhos do SUV? — resmungou Sully.

Drake sorriu. Passou disparado com o táxi pelos dois carros da polícia que estavam estacionados em diagonal na berma da estrada, raspando num *Mercedes* estacionado e arrancando o espelho lateral do táxi; e depois acelerou ainda mais. No cruzamento, travou, corrigiu a trajetória e atirou o táxi para uma curva à direita, seguindo em contramão pela rua Washington acima. As buzinas dos carros tocavam como trombetas, e uma carrinha branca de caixa fechada guinou para evitar um choque frontal.

Olhou por cima do ombro e viu um dos dois carros da polícia a arrancar para bloquear a estrada. Dois polícias que estavam na rua tinham sacado das armas e corriam em direção ao SUV, quando este derrapou e parou.

— Estamos safos! — disse Sully.

— Por quanto tempo? — perguntou Jada, inclinando-se para a frente, olhando para Drake pelo retrovisor. — Vai haver polícias aos magotes atrás de nós, a qualquer momento.

Drake virou bruscamente à esquerda na rua Jane, deixando de seguir em contramão. Olhou por cima do ombro, para Sully.

- O que é que achas? Chelsea Piers? — perguntou ele.  
— Não temos alternativa — concordou Sully.  
— Chelsea Piers? O que é que há nesse cais? — perguntou Jada.  
Drake sorriu, olhando-a de relance pelo espelho retrovisor.  
— O que é costume encontrar num cais. Barcos.

## 5

O parque elevado High Line tinha começado a sua vida como uma linha para comboios de mercadorias, construída acima da cidade para manter os comboios afastados da via pública. A plataforma elevada que ia desde o Meatpacking District até à rua 34 tinha sido convertida num longo oásis verde. Drake nunca tinha passeado pelo parque, mas tinha lido um artigo sobre ele, algures numa revista das que se lê no avião ou algo parecido, que o descrevia como uma joia escondida de Nova Iorque. Esperava um dia poder ver o High Line mais de perto, mas hoje precisava do lugar apenas para se esconder.

Estacionou o táxi junto à berma do passeio na rua Little West 12 e deixou-o deslizar para as sombras debaixo do High Line. No banco de trás, Jada ainda tremia.

— Meu Deus — disse ela. — Mas que raio vamos nós fazer?

Sully deu-lhe a mão, forçando-a a olhá-lo nos olhos.

— Vamos improvisar, querida. Não te preocupes. Se há coisa que eu e o Drake sabemos fazer, é improvisar.

Drake olhou pelo retrovisor, à procura de carros. A rua era de sentido único, portanto tinham pelo menos isso a seu favor. Esperou que um *Accord* vermelho passasse por eles a zumbir, com esperança de que os vidros partidos do táxi não lhe valessem mais do que um olhar rápido. O *Accord* abrandou e o condutor olhou-os com curiosidade, mas Drake fulminou-o com o olhar e o tipo acelerou, não se metendo no que não era da sua conta.

Provavelmente dentro de segundos estaria ao telemóvel a falar com a polícia, mas pelo menos eles tinham alguns minutos.

Drake abriu a porta.

— Saiam — disse ele. — Vamos.

Sully abriu a porta de trás e saltou para fora do carro, com Jada a segui-lo imediatamente. Enquanto Drake saía do táxi, Jada olhou para ele e depois inclinou-se para espreitar pela porta aberta do condutor, para o taxista morto. O sangue dele começara a ensopar o assento.

— Não o podemos deixar aqui — disse ela.

— Definitivamente, não o podemos levar connosco — resmungou Sully.

Drake olhou para trás, para o homem morto.

— A polícia há de tratar melhor dele do que nós poderíamos fazer. E se ficarmos por aqui, podem acabar por nos enterrar ao lado dele.

Fechou a porta do táxi, e depois reparou que Sully estava a olhar para ele fixamente.

— O que foi? — perguntou Drake.

Sully apontou para o peito dele.

— Tens sangue no casaco.

Drake tirou o casaco, mas não o podia deixar no táxi. Já havia provas suficientes da presença deles ali. Com sorte, ninguém tinha reparado nas caras deles e nunca seriam ligados ao tiroteio ou ao taxista morto, logo a polícia não teria razões para analisar o ADN deles e compará-lo com os fios de cabelo que pudessem ser encontrados no táxi. Achou que isso iria provavelmente jogar a favor deles. A sua maior preocupação era o museu. Se Gretchen falasse sobre eles e ajudasse a polícia a fazer a ligação entre o homicídio do Dr. Cheney e o incêndio no edifício do apartamento de Luka Hzujak, mais tarde ou mais cedo ele, Sully e Jada iriam ser apanhados na trama.

Teriam de confiar na discrição de Gretchen, e Drake não gostava disso. Não que ele não confiasse em estranhos com facilidade. Costumava seguir o seu instinto; só que já tinha havido ocasiões em que o seu instinto tinha estado perigosamente errado.

Drake virou o casaco do avesso e usou-o para limpar os vidros partidos dos casacos de Sully e Jada.

— Vamos embora — disse ele, levando o casaco dobrado debaixo do braço.

Atravessaram a rua e dirigiram-se para oeste; quando um *Mercedes* cinzento e maltratado chegou a roncar pela estrada fora, já eles estavam suficientemente longe do táxi abandonado para que ninguém associasse este trio de peões ao táxi danificado. Mas Drake mantinha-os a andar a passo acelerado, sabendo que a polícia nunca os presumiria inocentes.

Viraram para norte, a seis curtos quarteirões de onde o complexo de Chelsea Piers estava localizado. Agora era principalmente um local para desportos e divertimentos, embora ainda tivesse uma marina privada. Apesar do frio de outono e das sombras crescentes do dia que estava a terminar, Drake sentia um círculo de calor no centro das costas, como se lhe tivessem pintado ali um alvo.

— Jada, onde é que está a madraستا má neste momento? — perguntou Drake.

Sully olhou-o de relance.

— Planeias visitá-la? Não sei se gosto desse plano. Ou já te esqueceste dos tipos com armas e do quanto estavam ansiosos por nos matar?

— Não é um plano — disse Drake. — Eu não tenho plano nenhum. Pelo menos nenhum plano a sério, e o que tenho não envolve a madraستا da Jada. Só gostava de saber com o que é que estamos a lidar aqui.

Quando viraram em direção a um pequeno parque oval, atravessando na diagonal entre a Décima e a Décima Primeira avenidas, Jada sacou do telemóvel.

— O que é que estás a fazer? — perguntou Sully.

— A arranjar uma resposta para a pergunta do Nate — disse ela, carregando numa série de teclas antes de levar o telemóvel ao ouvido. Ficou a ouvir por um momento, e depois semicerrou os olhos. — Olá, Brenda, é a Jada Hzujak. A Olivia está aí?

Drake apercebeu-se de que Jada ficou confusa por momentos, pois esta encorrihou as sobrancelhas.

— Desculpa, Miranda — disse Jada, olhando para os pés enquanto caminhava. — Esperava que fosse a Brenda a atender, e estou... bem, tenho muito em que pensar. Ouve, eu sei que só estás a tomar conta da receção, mas não me apercebi de que era esta semana que a Olivia ia estar fora da cidade, e estava na esperança de ir almoçar com ela. Fazes ideia de quando é que ela volta?

Jada sorriu subtilmente, mas não estava divertida. Agradeceu a Miranda e terminou a chamada, e imediatamente começou a fazer outra.

— O que é que se passa? — perguntou Drake.

— Se a assistente habitual da Olivia não estivesse a almoçar, provavelmente nem sequer saberíamos disto, mas a minha madraستا está fora da cidade, em negócios. Sim, no seu luto, em vez de planear o funeral do marido, fugiu da cidade. Pela maneira como a Miranda falou, pareceu-me que nem sequer sabe da morte do meu pai. A Olivia não disse aos colegas de trabalho que o marido dela foi assassinado.

Sully resmungou.

— Pois, isso não é nada estranho, nem suspeito.

— Então, para onde é que ela foi? — perguntou Drake.

Jada levantou um dedo para o impedir de falar, voltando a sua atenção para o telefonema que estava a fazer. Deu o seu nome e o número de telemóvel e depois respondeu a algumas outras perguntas, e rapidamente se tornou claro que estava a ligar para a sua operadora de telemóvel.

— Sim, espero que possa ajudar-me — disse ela, assim que provou a sua identidade para satisfação do representante da AT&T que estava em linha. — Eu não estou em casa, mas preciso desesperadamente de um número de telefone. No mês passado, o meu pai esteve no Egito e liguei-lhe várias vezes para um hotel de lá. Sei que é um pedido estranho, mas tinha esperança que pudesse dar uma olhadela à minha fatura de setembro e dar-me esse número. Preciso de entrar em contacto com ele e ainda vou demorar a chegar a casa e não me recordo do nome do... Sim, isso seria ótimo. Muito obrigada.

Fez uma pausa, aguardando a informação.

Quando saíam do parque, onde podiam ver o rio para lá de muitas faixas de trânsito, Jada tapou o telemóvel com a mão por um segundo e olhou para Sully e para Drake.

— Dou-vos duas hipóteses de adivinhar onde está a Olivia neste momento.

— Está no Egito? — perguntou Sully.

— Vejam só — disse Drake. — Nem sequer precisaste da tua segunda hipótese.

Sully enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

— Acho que isso responde à nossa pergunta sobre se a Olivia está ou não metida nisto com o Henriksen.

Drake levantou uma sobrancelha.

— Sabes que estamos a tirar muitas conclusões precipitadas, certo? O Henriksen anda atrás do mesmo mistério em que o Luka estava a trabalhar, e de facto parece que a Olivia tem andado a trabalhar nas costas do marido, mas nada disto prova que o mataram ou que enviaram aqueles senhores simpáticos com armas atrás de nós.

Jada acenou-lhe em silêncio, novamente concentrada no seu telefonema.

— Sim, ainda aqui estou. Perfeito, obrigada. — Olhou em redor e apercebeu-se que não tinha onde nem com que escrever. — Já agora, se me pudesse fazer outro pequeno favor? Poderia enviar-me um *e-mail* com esse número? Eu sei que provavelmente não o deveria fazer, mas...

Fez outra pausa, ouvindo, e depois sorriu.

— Melhor ainda. Mais uma vez, obrigada.

Jada terminou a chamada e enfiou o telemóvel no bolso.

— Ele vai simplesmente enviar-me um *e-mail* com a fatura completa. Devia tê-la pedido logo. — Olhou de relance para Sully. — Agora já sabemos onde começar quando chegarmos ao Egito. No hotel onde o meu pai ficou. Mas como raio é que vamos para lá?

— Uma coisa de cada vez — disse Sully, enquanto viravam para norte novamente, com o vasto complexo de Chelsea Piers a ver-se à distância. — Primeiro, arranjam um barco.

— Vocês vão simplesmente entrar na marina e levar um? — perguntou Jada.

Drake encolheu ligeiramente os ombros.

— Talvez não tanto entrar, mas sim esquivar-nos. Ou esgueirar-nos. Possivelmente será apenas uma entrada sorrateira, à moda antiga. O que nos falta em discrição, compensamos em estupidez descarada e desespero.

— Vá lá — disse Jada, virando-se para Sully. — Isto vai mesmo funcionar?

Sully fez o seu sorriso mais perverso.

— A sério, miúda. Achas que nunca roubámos um barco?

Jada pareceu ponderar nisso por momentos, e depois suspirou.

— Sinceramente, depois das últimas horas, isso não me surpreende minimamente.

Drake olhou de relance para Sully.

— Sabes, não sei se me sinta elogiado ou insultado.

Roubaram o barco numa terça-feira, logo a seguir ao pôr-do-sol. Quando chegaram à doca, um guarda olhou-os com desconfiança, tentando perceber se eram transgressores. Drake agarrou a mão de Jada e depois virou-se para ela e fez um sorriso radiante, e ela alinhou na charada, enroscando-se nele. Estavam a fingir, mas era um fingimento agradável, e Drake teve de relembrar a si mesmo que a rapariga era a afilhada de Sully.

— Olá — disse Sully, aproximando-se casualmente do guarda como se pertencesse ali.

O guarda franziu o sobrolho a Sully, avaliando o blusão de aviador por cima da *guayabera* e o bigode perfeitamente aparado, claramente a pensar se era suposto conhecê-lo. Sully chamou-o ao lado, baixando a voz para que apenas o guarda o ouvisse, mas Drake já conhecia o essencial do que ele estava a dizer. Já o tinham discutido momentos antes, e era uma artimanha que já tinham usado várias vezes.

— Ouça, amigo, a questão é esta. Eu trabalho para a Theresa Fonseca. Estou a mediar a venda de alguns dos bens que ela recebeu no acordo do divórcio. Tenho este casal pelo beicinho, mas estão um bocado nervosos



porque o divórcio está a ficar feio e estão à procura de uma desculpa para não comprar. Estão sempre a reclamar da segurança cá de baixo, por isso preciso que finja que me está a dar conta da cabeça. Que se arme em duração...

O guarda pareceu confuso, olhou para Drake e Jada e depois abanou a cabeça.

— Não conheço nenhuma Theresa... qual era mesmo o nome?

— Fonseca. Ela...

— *Ná* — disse o guarda. — Não há nenhum Fonseca cá em baixo.

Sully virou-se para Drake e Jada e levantou as mãos com um gesto de quem dizia “estão a ver o que eu quero dizer?”, como se tentasse mostrar-lhes o quanto a segurança era apertada na marina.

— Ótimo, meu. Foi perfeito — disse Sully.

O guarda semicerrou os olhos.

— Não estou aqui a fazer teatro, amigo. Não há aqui ninguém chamado Fonseca.

Sully bateu com a palma da mão na cabeça.

— Certo, certo. Divorciaram-se, lembra-se? Merda, qual é o nome do marido? Começa com K, acho eu. Keller? Kramer?

— Kurland? — sugeriu o guarda.

Sully apontou-lhe um dedo, imitando uma pistola.

— É isso. Sim. Olhe, eu só preciso de os levar lá abaixo e mostrar-lhes o barco e não o chateio mais. Se eu fizer bem o meu trabalho, a Menina Fonseca, a Sra. Kurland, acho eu, consegue vender aquilo por bom preço, e é bem feito para o filho da mãe por andar a fazer bebés por fora, com a namorada.

O guarda torceu o nariz, num sinal de desaprovação profunda.

— Bebés?

— Eu sei. Uma coisa horrível. Imagine descobrir que o seu marido estava a ter um caso há quês, seis anos? Já é mau que chegue, não é? Mas o tipo foi pai de dois filhos com a outra mulher. Como é que uma senhora se levanta depois de levar um pontapé destes?

Por esta altura, o guarda já acenava com a cabeça, concordando.

— Que idiota — disse o guarda.

— Felizmente, o juiz concordou — disse Sully, sorrindo com um ar conspiratório. — Olhe, faz-me um favor? Diga-me que temos trinta minutos, mais não. Tenho mais uma marcação antes de poder ir para casa hoje, por isso não quero andar a empatar com este pessoal durante horas.

O guarda fez melhor do que isso. Encaminhou Sully até Drake e Jada, com ar de quem estava a fazer-lhes um enorme favor.

— Lamento, mas a marina tem políticas rígidas no que toca a visitan-

tes — disse. — Sem estar o dono presente, só vos posso dar meia hora. Vão ter de assinar o registo e mostrar o BI. Por favor, respeitem a privacidade dos outros proprietários e venham ter comigo à saída.

Jada apertou o braço de Drake, aparentemente preocupada por ter de mostrar o BI.

— Não há problema — disse Drake. — Nem queríamos que fosse de outra forma, especialmente visto que também poderemos ser proprietários.

— Eu... hum... deixei a bolsa no carro — disse Jada.

O guarda franziu as sobrancelhas.

Drake limitou-se a sorrir ainda mais.

— Eu trato disso, querida. Eu registo-nos aos dois.

O guarda olhou de relance para Sully, evidentemente a tentar decidir se insistia na questão do BI, mas depois deixou passar. Aparentemente, não queria arranjar problemas à Sra. Kurland, visto que os levou aos três até uma pequena cabine de vigilância perto da entrada da marina e mal olhou para a identificação falsa que Drake e Sully lhe mostraram quando assinaram o livro de visitas.

Drake ainda tinha o seu casaco manchado de sangue dobrado debaixo do braço, e o guarda olhou para ele com curiosidade enquanto Drake assinava, como se achasse que ele podia estar a esconder algo lá dentro.

— O que é que o senhor tem aí? — perguntou o guarda.

Drake suspirou, com um ar arrependido.

— Absolutamente nada. Entornei sumo por mim abaixo, como um idiota. Dei cabo do casaco.

Com cuidado para expor apenas o interior do casaco, desenrolou-o para mostrar que não havia nada lá dentro e depois pendurou-o cuidadosamente sobre o braço.

— Obrigado, amigo — disse Sully, fazendo um aceno discreto ao guarda, que não era suposto Drake e Jada verem. — Diga-me lá, qual era o número do posto?

Sully apalpus os bolsos das calças, como se procurasse o papel onde tinha escrito o número.

— Cento e quarenta e sete — respondeu o guarda.

Drake teve pena do homem. O guarda não tinha culpa de ser suficientemente burro para cair na esparrela. Provavelmente ia ter sérios problemas por causa disto, talvez até perdesse o emprego. Mas se Drake tivesse de escolher entre levar um tiro ou ir parar à cadeia, e causar problemas a este tipo, bem, não era uma escolha difícil.

Sully agradeceu ao guarda, pondo-lhe uma nota de vinte na palma da mão enquanto o cumprimentava — uma pequena fração do dinheiro da recompensa que Drake trouxera da América do Sul. Depois caminharam

ao longo da doca, com os barcos a balançar de ambos os seus lados, embalados pelo rio.

Em comparação com algumas das embarcações de luxo que estavam ancoradas na marina, o barco que havia no posto dos Kurland não dava muito nas vistas — um *Chris Craft* de cerca de dez metros com um casco em V profundo de fibra de vidro, talvez com três metros e meio na parte mais larga — mas isso não era problema. Não queriam nada que fosse enorme ou aparatoso. Melhor ainda, o *Chris Craft* estava atracado num posto de ancoragem na margem exterior da marina.

Subiram a bordo como se fosse suposto estarem ali; Sully comportava-se como se estivesse a fazer-lhes uma visita guiada. Depois, abaixou-se ficando fora do alcance da vista, tirando o interruptor da ignição e puxando os fios, tentando perceber quais eram os do motor de arranque. Drake ficou a vigiar pelo canto do olho, até o guarda receber uma chamada na cabine. Era daquelas pessoas que andavam de um lado para o outro enquanto estavam ao telefone, e à medida que falava, passeou para trás e para a frente entre a sua cabine de segurança e o passeio que levava da doca até ao clube da marina.

Da terceira vez que o guarda subiu o passeio calmamente, Drake acenou com a cabeça e Sully juntou os fios e torceu-os. O motor ganhou vida com um ronco, e Sully sorriu para Drake.

— Vocês são demasiado bons a fazer isto — disse Jada.

— O nosso ramo de trabalho exige muito improvisado — disse Drake.

Jada fez-lhe um sorriso desconfiado.

— Pois.

Sully recuou o barco para fora do posto de ancoragem. Assim que acelerou para a frente, afastando-se da doca, o guarda veio a correr na direção deles, a gritar e a fazer-lhes sinal para voltarem para o posto. Drake sabia que, mesmo nesse momento, o homem não percebia exatamente o que se estava a passar. Se tinha acreditado na história de Sully — e era óbvio que tinha —, a Sra. Kurland podia ter dado a chave ao seu mediador para que ele pudesse levar os possíveis compradores a dar uma volta. Certamente, o guarda iria suspeitar. Mas não teria a certeza, e não faria nada de drástico até ter.

À medida que aceleravam rio acima, com o barco a bater violentamente na água, Drake observou o guarda a ficar cada vez mais pequeno à distância.

— Aquele tipo está a ter um dia mau — disse.

— Podia ser pior para ele — disse Jada. — Podia estar connosco.

Drake e Sully olharam para ela de relance, viram o brilho do sarcasmo nos seus olhos, e riram-se. Ela tinha razão. O seu pai tinha sido assassina-

do, e já tinham visto dois outros homens mortos nesse dia. Alguém tinha enviado homens com armas para disparar carradas de balas sobre eles, na esperança de os deixar “bastante” mortos. Mais alguém — ou talvez o mesmo alguém — tinha incendiado o prédio onde vivia o pai de Jada.

Estavam a ter um dia bem pior que o do guarda.

— Mesmo assim — disse Drake, — quando voltarmos ao país, mando-lhe qualquer coisa. Talvez o vinho do mês.

— Charutos — disse Sully, como se o vinho tivesse sido a sugestão mais estúpida que Drake alguma vez fizera. — Talvez uns bifes.

— Bifes? — perguntou Drake.

— O homem tem de comer. E olhaste bem para ele? Ninguém fica tão grande a comer couves-de-bruxelas.

— Vocês são inacreditáveis — disse Jada, levantando a voz para se fazer ouvir sobre o ruído do vento que os chicoteava à medida que Sully acelerava e o barco avançava ainda mais depressa.

Drake assentiu com a cabeça.

— Por acaso, não é a primeira vez que ouvimos essa.

Jada bateu-lhe no braço.

— Não era um elogio.

Mas ela não conseguiu propriamente parar de sorrir, e Drake ficou contente por isso. Depois de tudo por que tinha passado desde a descoberta dos restos mortais do seu pai, Jada precisava de todas as distrações que pudesse arranjar. No entanto, agora que tinham um momento de descanso, Drake viu a alegria dela desvanecer-se rapidamente, até ficar a olhar para a cidade que passava à sua direita — com as luzes a acenderem à medida que a noite se aproximava — com uma expressão solene e de alguma forma perdida.

Drake tinha esperança que a madrastra de Jada não estivesse envolvida na morte do seu pai, mas tinha um terrível pressentimento que Olivia Hzujak fosse uma madrastra tão maléfica como Jada suspeitava que fosse.

Perturbado, Drake pôs a mão no bolso do forro do seu casaco estragado e tirou o estojo fino de cabedal que continha uma boa parte do dinheiro da recompensa que tinha recebido no Equador. Havia mais nas suas malas, que estavam a salvo num cacifo do aeroporto JFK, e algum na sua carteira. O resto tinha sido depositado numa conta que por vezes usava nas Ilhas Caimão. Por agora, tudo o que tinha com ele seria tudo o que tinham à sua disposição, por isso teria de ser suficiente.

Atirou o casaco borda fora, e ficou a vê-lo flutuar, a ficar ensopado de água à medida que o deixavam para trás rapidamente.

Até agora, tudo bem. Deixariam o *Chris Craft* roubado mesmo a norte da marina Boat Basin na rua 79 — por sugestão de Jada — e passariam

pelo apartamento onde esta tinha estado a esconder-se, dando-lhe tempo apenas para fazer uma mala pequena. Drake e Sully teriam de improvisar. Arranjariam alguns telemóveis pré-pagos — telemóveis que podiam ser carregados com os minutos que quisessem, podiam ser usados e depois deitados fora, tudo sem criar uma conta que pudesse ser localizada. Sully tinha sugerido que ligassem para a marina e lhes dissessem onde o barco iria estar, e tanto Drake como Jada tinham aprovado a ideia. Se alguma vez fossem apanhados, seriam presos de qualquer forma, mas um juiz aceitaria muito melhor um passeio do que um roubo descarado.

Saindo do apartamento, iriam dirigir-se para norte. Tinham de sair depressa da cidade, mas o mais discretamente possível. Não podiam ir para a Grand Central, uma vez que poderia haver câmaras que os tivessem apanhado na marina. Por isso, apanhariam um táxi até à estação da rua 125, em Harlem, e subiriam a bordo de um comboio da Metro North até New Haven, no Connecticut, onde alugariam um carro. O BI que tinham usado na marina já não teria utilidade, mas Drake contava que Sully viajasse com mais de um conjunto de identificações falsas.

Drake achava que, assim que estivessem dentro de um carro, todos ficariam bem. Conhecía um tipo em Boston que conseguiria arranjar passaportes e outros cartões de identificação para os três. Apanhariam o *ferry* até Nova Escócia e depois um barco até New Brunswick no continente, em vez de enfrentarem uma análise mais exigente ao atravessar a fronteira canadiana de carro. Daí, outro carro de aluguer levá-los-ia até ao Quebec. O Aeroporto Internacional Montreal-Mirabel era usado quase exclusivamente para voos de carga, e Drake e Sully tinham lá amigos. Tinham precisado de se esgueirar — a eles e a várias aquisições — dentro e fora da América do Norte em várias ocasiões. Drake esperava que tudo corresse sem problemas.

Mesmo assim, sabia que ia estar sob grande tensão até estarem no ar, a caminho do Egito e da escavação arqueológica na Cidade dos Crocodilos. Pela sua experiência, quanto mais perto estava da origem de um segredo — ou de um tesouro —, mais fácil era sentir uma ameaça iminente ou aperceber-se de um inimigo. As pessoas tinham tendência a revelar a sua verdadeira natureza quando estavam em jogo coisas tão valiosas como tesouros ou segredos. Não gostava de ter atiradores furtivos a alvejarem-no do cimo dos telhados ou rufões escondidos atrás de vidros fumados.

Se alguém queria matá-lo, gostava de saber quem era.  
Fazia com que fosse muito mais fácil ripostar.

...

Na noite de terça-feira, nenhum deles tinha conseguido dormir mais do que algumas horas no banco de trás do carro de aluguer, antes de chegarem a Boston, onde o falsificador tinha as novas identidades de Drake e Sully à sua espera. Era um profissional de terceira geração a quem chamavam Charlie, embora todos presumissem que esse não era o seu nome verdadeiro. Já tinha as fotos de Drake e de Sully arquivadas, o que lhe possibilitou preparar os seus passaportes com antecedência. Mas teve de criar o passaporte de Jada na hora, juntamente com vários outros artigos — um pouco de tudo, desde um cartão American Express de platina até um cartão de identificação da biblioteca.

Na quarta de manhã pararam em Portland, no Maine, onde Drake e Sully compraram pequenos sacos desportivos e várias mudas de roupa. Por volta da meia-noite, deram por eles num motel rasca perto do aeroporto de carga de Montreal, com uma cama dupla para os três. Drake tirou uma almofada e um cobertor a mais do armário e fez uma espécie de ninho no chão, enquanto Jada e o seu padrinho ficaram com a cama.

Estiveram a ver televisão, esperando para saber se haveria alguma reportagem sobre a violência em Nova Iorque, mas Montreal era um mundo à parte de Manhattan. Nessa noite, Drake mal passou pelas brasas, não conseguindo dormir com a antecipação da partida de manhã, depois da qual poderia finalmente sentir que tinham escapado em segurança. Jada também estava acordada. Por várias vezes, Drake reparou nela aninhada de lado, a observá-lo com aqueles olhos que brilhavam no escuro do quarto, mas nenhum dos dois falou.

Só Sully conseguiu dormir. Parecia conseguir sempre dormir, por mais terríveis que fossem as circunstâncias. Ressonava profundamente, por vezes a bufar ruidosamente, com o seu lábio superior, debaixo do bigode, a tremer com o barulho.

Na quinta-feira de manhã, o voo que pensavam ter conseguido partiu sem eles. Passaram-se horas desesperantes até que lhes prometessem outro. Finalmente, no final dessa tarde, estavam a bordo, confortavelmente escondidos num pequeno compartimento atrás do cockpit.

Finalmente, Drake dormia.

Quando acordou, com o ruído abafado de *punk rock* irlandês vindo do cockpit, apercebeu-se de que Sully tinha desaparecido e soube que o seu velho amigo devia estar lá à frente com a tripulação. Ficou deitado em silêncio, a ver Jada a dormir. Com as madeixas magenta que lhe emolduravam o rosto, tinha normalmente um ar confiante mesmo no meio do seu sofrimento. Mas agora, na paz do sono, parecia vulnerável, e Drake teve de questionar até que ponto seria inteligente fazer aquela viagem. Já tinha conhecido imensas mulheres capazes — já tinha levado porrada de várias.

Eram lutadoras hábeis, sobreviventes, totalmente capazes de cuidarem de si mesmas.

Jada, pelo contrário, era um ponto de interrogação. Drake esperava que ela provasse ser tão dura e capaz como as outras, para seu próprio bem e pelo bem de Sully — e pelo seu, também. Não queria vê-la a magoar-se ainda mais do que já se tinha magoado. Ao mesmo tempo, sabia que teria de manter Sully debaixo de olho. O velhote claramente achava que era seu dever proteger Jada, em vez de a deixar proteger-se a si mesma. Esse tipo de pensamento podia distraí-lo o suficiente para lhe ser fatal.

— Em que estás a pensar? — disse ela, sussurrando, com a voz quase impercetível devido ao ruído dos motores do avião.

— Alguma vez estiveste numa luta? — perguntou. — Uma luta a sério, quero eu dizer.

Jada franziu o sobrolho.

— Numa a sério, não, se estás a falar de sangue e feridas. Como uma rixa. Mas safo-me muito bem no dojo.

Drake arqueou uma sobrancelha.

— Dojo? O que estás a aprender?

— Aikido, principalmente. Porquê?

Drake fez um sorriso suave. Outra mulher que podia dar-lhe uma coça.

— Sabes, se o encontrarmos... este tesouro, seja lá o que for, já disse ao Sully que o podemos partilhar. Em partes iguais, a três — disse ela.

Drake teria ficado ofendido, se a ideia não lhe agradasse tanto. Mesmo assim, não queria que ela pensasse que a sua motivação para a ajudar fora a possibilidade de ganhar algo com isso.

— Um tesouro cai sempre bem — disse ele. — Mas não foi por isso que alinhei nesta aventura.

— Não? — Jada analisou-o, como se tentasse ver para lá dos olhos dele. — Então, porque foi?

Pela primeira vez, Drake apercebeu-se do quanto estavam próximos. Reclinados nos seus assentos, virados um para o outro, apenas alguns centímetros os separavam. Podia ter estendido a mão e tocado o rosto dela. Se estivessem mais perto, podia ter sentido a respiração dela na sua face.

— O teu pai era um bom tipo — disse rapidamente. — Eu gostava dele. E o Sully é o meu melhor amigo, por isso eu não podia propriamente recusar.

— Já o fizeste antes — lembrou-lhe Jada. — O tio Vic disse-me que não havia garantias.

— Alguém tentou alvejar-me. Levo isso um bocado a peito. Por experiência, não sou adepto de pessoas que me apontam armas, quanto mais se puxarem o gatilho.

— Só isso? — perguntou Jada. — É por esses motivos que estás nesta viagem?

Drake assentiu com a cabeça, fazendo uma careta. Ela estava à pesca de uma resposta diferente. Que mais queria ela que ele dissesse?

— Basicamente — disse ele.

Só quando viu a desilusão nos olhos dela é que se apercebeu onde tinha errado. Jada tivera esperança que ele tivesse vindo com eles também por causa dela — por não querer despedir-se já dela. O olhar desiludido dela durou apenas um segundo, até ela o disfarçar, mas ele tinha-o visto, e ela sabia que ele o tinha visto.

— O tio Vic disse que também gostas do mistério — disse ela.

— O que queres dizer com “o mistério”?

— História. Desenterrar pedaços do passado que estão escondidos há séculos.

Drake sorriu.

— Sim. Também é por isso. Os arqueólogos acham que sabem tudo. Escrevem livros e relatórios a explicar o mundo antigo, como se não houvesse mais nada para aprender. É arrogante e parvo, e de cada vez que encontramos algo que prova que eles estão errados — que prova que há coisas do passado que eles não compreendem ou que nunca tinham imaginado —, isso deixa-me feliz.

Jada enroscou-se mais no assento.

— Até é bastante emocionante. Ouvi este tipo de coisas da boca do meu pai, toda a minha vida. E foi o seu... bem, o seu último mistério, na verdade. Quero saber o que foi que ele descobriu, e gosto do facto de tu queres saber quase tanto como eu.

Desta vez, Drake nada disse. O impulso de lhe tocar na face, de lhe afastar o cabelo para trás, era quase demasiado forte para resistir. Mas resistiu. Não estava destinado. Ele não estava ali para isso, e a sua vida era demasiado complicada e instável para se envolver com Jada Hzuajak.

Mas caramba, ela era linda.

— E depois, há o tesouro — disse ele.

Jada semicerrou os olhos, parecendo ao mesmo tempo divertida e irritada. Drake tinha muitas vezes esse efeito nas mulheres.

— Pois. O tesouro. Seja lá o que for.



## 6

Drake saiu do avião de carga para a pista do Aeroporto Internacional do Cairo, tenso e desidratado devido ao voo de longa duração. Tinha dormido pelo menos sete horas, mais de metade da viagem, mas mesmo assim sentia-se cansado. Apesar de já ter lá estado várias vezes, para Drake o Egito não tinha perdido a sua magia. As suas cidades eram modernas, cheias de fumo de escape, música alta e pessoas stressadas, tal como em qualquer lado, mas sentia-se a sua antiguidade no ar. Havia sítios a apenas alguns quilómetros de qualquer cidade — incluindo do Cairo — onde Drake sentia ter voltado atrás no tempo.

Pousou o saco desportivo na pista e espreguiçou-se, satisfeito por estar fora do avião e poder respirar ar fresco. Os motivos da viagem eram deprimentes, mas sabia-lhe bem estar em movimento e tentar fazer algo para resolver o quebra-cabeças da morte de Luka. Achava que seria agradável se conseguissem resolvê-lo antes que alguém voltasse a disparar sobre eles.

— Preciso de beber qualquer coisa — disse Jada, levantando o seu saco enquanto seguia Drake para fora do avião.

Sully tinha sido o primeiro a sair. Dera uma volta, fazendo um reconhecimento visual do pequeno canto do aeroporto onde o avião de carga abrandara até parar.

Agora Sully voltava-se ao ouvir a voz de Jada, e arqueava uma sobrancelha.

— Gosto de beber tanto como qualquer um, mas não achas que ainda é um bocado cedo? Até pode já passar do meio-dia aqui, mas em Nova Iorque o Sol mal acabou de nascer.

— Água, tio Vic — disse Jada, sorrindo com desdém. — Só preciso de uma garrafa de água, estou desidratada por causa do voo.

Drake fez um sorriso rasgado perante a expressão frustrada de Sully.

— Sim — disse Sully, tirando um charuto do blusão e prendendo-o entre os dentes. — Também preciso de beber água. Voar deixa-me sempre com a boca a parecer palha-d'áço.

Quando Jada foi agradecer ao piloto pela boleia e por deixá-los a são e salvo no Egito, Drake deslizou para o lado de Sully.

— Se calhar devias armar-te um bocadinho menos em pai protetor.

Sully mordeu o charuto.

— Ias adorar isso, não ias, Romeu?

— De que é que estás a falar?

— Sabes bem do que estou a falar.

Drake fez-lhe sinal para que se afastasse, com ambas as mãos.

— Olha, Sully, eu não tenho qualquer interesse em meter-me com esta rapariga. Mas gostava de nos manter vivos, e se tu continuares a pensar nela como se ela fosse uma miúda que tens de proteger, o mais certo é que nos mates a todos. Ela parece bem capaz de cuidar de si mesma. Vamos concentrar-nos, ok?

A expressão de Sully petrificou.

— Estou a entender-te perfeitamente. Não sou pai dela. Achas que não sei isso? Mas o Luka está morto, e eu não conseguia viver comigo mesmo se acontecesse alguma coisa à Jada.

— A melhor maneira de garantires que isso não acontece é tu próprio maneres-te vivo — contrariou Drake, baixando a voz enquanto Jada voltava para junto deles a passos largos. — Tenta só parar de te preocupar com ela o tempo suficiente para não lewares um tiro, ok?

Um sorriso ligeiro e sem humor surgiu no rosto de Sully. Qualquer que fosse a resposta de que se tinha lembrado — e Drake não tinha dúvidas de que tinha estado a preparar alguma — deixou-a passar e voltou-se para encarar Jada.

— Já acabaste de brincar à “Little Miss Sunshine” com a tripulação? — resmungou Sully.

Jada sorriu.

— Não sejas um velhote tão mal-humorado. Já sei que não dormiste bem, mas quando uma pessoa tenta viajar sem que ninguém saiba que saiu do país ou pense que é um terrorista, aceita qualquer acomodação disponível. Se falares, talvez te deem uma almofada para a próxima.

Sully parecia prestes a gritar-lhe, mas depois só resmungou qualquer coisa muito baixinho e precipitou-se na direção de uma pequena cabana no

exterior do terminal de carga. Já tinha gotas de suor a brotar-lhe da pele, e Drake observou-o a passar a mão pela testa.

— Ele detesta o Egito nesta altura do ano — disse Drake, pegando no seu saco.

— Ah, sim? — perguntou Jada enquanto começavam a andar lado a lado, deixando o avião para trás. — Qual é a melhor altura do ano?

— Ele não desgosta da segunda semana de janeiro. Normalmente a quarta-feira, por volta das três da tarde; dá mesmo para respirar por um minuto — disse Drake.

Jada riu-se.

— Por acaso, não me importo com o calor. É melhor isto do que o inverno lá em casa.

— Não deixes que ele te oiça dizer isso — respondeu Drake.

— Então e tu? — perguntou Jada. — O que achas do Egito?

— Quente e misterioso. Preciso de um pouco disso na minha vida.

Jada abanou a cabeça.

— Olha só para ti. Se já não soubesse, pensaria que eras um romântico, em vez de sarcástico.

— Posso ser um romântico sarcástico.

Jada arqueou uma sobrancelha.

— Gostei dessa. Acho que a vou roubar.

— Dou-ta de graça e de livre vontade.

— Oh, mas não tem piada se não for roubada.

Nesse momento, ambos hesitaram. Drake achou que tinham levado o namoro à sua conclusão natural e que avançar mais seria forçado e constrangedor, por isso deixou o silêncio instalar-se entre eles. Jada não colocou objeções. O silêncio que partilhavam era confortável, como se os seus breves encontros em anos anteriores tivessem construído uma base para uma amizade no presente. O facto de terem sido alvejados também tinha contribuído para a sua amizade crescente. Drake sabia demasiado bem o quão depressa se podiam criar laços entre pessoas que estavam em perigo.

— Então, qual é a tua e do tio Vic? — disse Jada, mudando de assunto. — Vocês têm amigos em todo o lado.

Dois camiões de carga passaram com estrondo, com os motores quase tão ruidosos como os aviões que entravam e saíam do aeroporto.

— Amigos, não — disse Drake. — Conhecidos. Sabemos a quem ligar quando precisamos de alguma coisa: informações, equipamento, transporte...

— Uma identidade nova — acrescentou Jada.

Drake assentiu com a cabeça.

— E armas, quando precisamos delas. Mas conhecer quem aceite o

nosso dinheiro para fazer algo que pode não ser propriamente legal não é o mesmo que ter amigos. Um contacto que me venda informações sobre um caçador de tesouros é bem capaz de vender informações sobre mim à concorrência.

— Pensei que eras um “consultor de aquisição de antiguidades” — disse Jada.

— Também — respondeu Drake.

— Então confias que os teus amigos não te vão atraiçoar em troca de dinheiro? — perguntou ela. — Quer dizer, toda a gente tem um preço, certo?

— Quase toda a gente. Quanto aos amigos... escolho-os a dedo.

Jada concordou com a cabeça, mas foi como se lhe passasse uma nuvem sobre o rosto, e Drake percebeu que ela devia estar a pensar no pai.

— O que foi? — perguntou Drake.

— O meu pai sempre me deu conselhos desses — disse ela. Mudando o peso do seu saco de uma mão para a outra, ficou a olhar fixamente para uma qualquer distância intermédia, como se conseguisse espreitar para a sua própria memória. — Ele sempre teve estas grandes citações acerca de escolhermos bem os nossos amigos e tudo isso, mas acho que era péssimo a julgar o carácter das pessoas, tendo em conta que casou com a Olivia.

— Quanto a isso, não sei — disse Drake. — O Sully pode fumar os charutos mais malcheirosos de todos os tempos — às vezes, acho que ele compra tabaco com aroma a estrume ou algo assim, só para me irritar — mas nunca conheci ninguém tão leal. O Luka escolheu-o como amigo, por isso tinha de ter pelo menos uma ideia acerca de em quem confiar.

— Então porque é que o meu pai casou com a bruxa má?

— Para alguns homens, as mulheres são um mistério. Não percebemos a forma como as mentes delas funcionam. O que faz com que seja muito mais difícil evitar uma facada nas costas.

Jada sorriu.

— O Oscar Wilde disse que um amigo é aquele que nos apunhala pela frente. E, já agora, as mulheres têm o mesmo problema com os homens. Conseguimos ver com facilidade a perfídia nas outras mulheres, mas pelo que nós compreendemos dos homens, eles até podem vir de outro planeta.

Drake olhou-a de lado.

— “Perfídia”?

— É uma boa palavra — protestou Jada.

— Sim. Gosto de a dizer. “Perfídia”. Não se consegue dizer essa palavra muitas vezes na vida. — Fez uma careta. — Por acaso, isso até é capaz de ser bom sinal.

Mais adiante, Sully tinha chegado à pequena cabana que havia na pis-

ta. Drake não tinha a certeza se era uma cabine de segurança ou um posto para as tripulações que chegavam fazerem o registo com os seus manifestos de carga, talvez uma espécie de sala de controlo de tráfego. Um homem magricela que usava calças caqui e uma camisa larga de algodão azul estava de pé, encostado ao lado da cabana, a fumar um cigarro. Usava óculos de sol demasiado grandes para o seu rosto, mas sorriu quando Sully se aproximou dele, e os dois homens deram um aperto de mão.

— Não é um amigo? — perguntou Jada, mantendo a voz baixa enquanto se aproximavam da cabana.

— Um contacto — confirmou Drake.

Quando chegaram ao pé de Sully e do egípcio magricela, Sully estava a acender o charuto, o que Drake interpretou como um sinal de que as coisas estavam a correr bem. Os charutos de Sully eram uma forma de comunicação por si mesmos, e por vezes acendê-los podia ser um sinal de frustração, mas desta vez não era o caso. Sully parecia satisfeito.

— Este é o Chigaru — disse ele, e o egípcio fez uma pequena vénia com a cabeça. — Chigaru, apresento-te Jada Hzuajak e Nathan Drake, a coisa mais semelhante a uma família que já tive na vida. Levo a saúde e o bem-estar deles muito a peito.

— Já para não dizer os teus — disse Chigaru, num inglês de sotaque britânico.

Sully riu-se, e o riso transformou-se numa tosse curta. Fez uma careta e olhou para o seu charuto.

— Tenho de deixar estas malditas coisas — depois, olhou novamente para Chigaru. — Sim, também levo o meu bem-estar muito a peito.

— Não te preocupes, Sully. Tens amigos no Egito.

Ao ouvir “amigos”, Drake olhou de relance para Jada e viu-a levantar as sobrancelhas perante aquela palavra.

— Os melhores amigos que o dinheiro pode comprar — disse Sully. Chigaru sorriu e acenou com a cabeça, concordando sabiamente.

— Com certeza. — Olhou para os três, reparando obviamente na sua parca bagagem. — Vamos?

— Foi um longo voo — disse Drake. — E é uma longa viagem de carro até Faium. Estávamos com esperança de beber alguma coisa.

A expressão de Chigaru abriu-se num sorriso brilhante.

— Meus amigos, achais que sou um anfitrião assim tão mau? Tenho *Coca-Cola*, cerveja, e água com gás no gelo, no carro. Se quiserem, paro num mercado e compro alguma comida para levar antes de deixarmos o Cairo.

— Isso seria fantástico — disse Jada, alegremente.

Drake não pôde discordar. Chigaru podia ser apenas um contacto,

mas naquele momento Drake sentia-se bastante amistoso para com ele. Uma refeição e uma Cola gelada pareciam algo caído do céu.

Chigaru começou a encaminhá-los para uma carrinha da *Volvo* com vidros fumados, estacionada entre a cabana e o terminal de carga. Mesmo antes de chegarem ao carro, Sully falou em voz baixa para que mais ninguém ouvisse.

— Então, e as armas de que falámos? — perguntou Sully.

— Não te disse para não te preocupares? — disse Chigaru. — A nossa primeira paragem é para ir buscar armas.

Abriu a porta do condutor e deslizou para trás do volante. Sully sorriu para Drake e Jada como se fosse véspera de Natal.

— Assim está melhor. Se voltarmos a encontrar problemas, quero poder retribuir — disse ele, antes de subir para o lugar do passageiro.

Drake abriu a porta traseira e segurou-a para Jada.

— Parece que temos tudo controlado — disse ela, com um divertimento contido na voz. A ideia de armas e mais tiroteios obviamente era tão pouco apelativa para ela como era para Drake.

— Por agora — concordou Drake.

Mas mesmo enquanto subia para a traseira do *Volvo* com ela e ouvia o tinir do gelo quando a rapariga tirou uma garrafa de água com gás de uma geleira, Drake não conseguiu conter um arrepio e a tentação de olhar por cima do ombro.

Tinha acabado de ficar com a estranha sensação de que estavam a ser observados. Era uma sensação que já tinha tido antes, e por demasiadas vezes com razão.

O Auberge du Lac tinha sido construído como um chalé de caça para o Rei Farouk, o último monarca do Egito. Drake achou que parecia mais o tipo de lugar onde Sinatra poderia ter aparecido nos primeiros tempos de Las Vegas, com as suas paredes caiadas e palmeiras. O hotel ficava na margem de um lago que fazia parte do Oásis de Faium, não longe da Cidade de Faium, que era moderna e industrial de acordo com os padrões locais.

Andando uma hora em qualquer direção, todo o mundo se alterava. O Vale das Baleias estava dentro desse raio de distância — um deserto silencioso e infinito, onde a areia escondia fósseis da antiga vida marinha — mas também as pirâmides fora-das-rotas-turísticas, bem como as quedas de água que faziam parte do Oásis de Faium. Algumas delas tinham feito parte de um plano de irrigação que remontava ao tempo de Ptolomeu, desviando a água do Nilo para a agricultura, mas outras — as de Wadi el Rayan — faziam parte de um projeto hídrico moderno. A

área tinha pouco turismo, mas pelo que Drake tinha ouvido, este estava a aumentar.

E tudo aquilo, toda a maldita área, fazia parte do que outrora se chamara Crocodilópolis. A Cidade dos Crocodilos recebera o seu nome dos répteis que abundavam em redor dos lagos, nos tempos antigos. Tal como Kom Ombo, que tinha aparecido depois, Crocodilópolis tinha sido um centro de culto ao deus crocodilo egípcio, Sobek. O culto de Sobek tinha construído um enorme templo, onde um único crocodilo seria escolhido para representar o seu deus e ser incrustado de ouro e pedras preciosas.

Os arqueólogos tinham encontrado as ruínas do Templo de Sobek havia décadas. Embora persistissem as lendas de um labirinto em Crocodilópolis, essa parte do templo nunca tinha sido desenterrada até mais de um ano depois do projeto hídrico de Wadi el Rayan, quando a água que fluía do Oásis de Faium estava a ser desviada para lagos artificiais. Dois dos lagos ainda eram usados, mas o terceiro tinha secado sem explicação. Ao investigarem, os engenheiros tinham descoberto que a água não tinha evaporado; tinha sido drenada para as ruínas do labirinto de Sobek.

O último mistério do culto de Sobek tinha sido descoberto puramente por acidente. Mas para aprender os segredos do labirinto, a primeira tarefa da expedição arqueológica seria voltar a tirar a água do solo. Passara mais de um ano antes que a equipa conseguisse começar a desenhar mapas e a fazer mais escavações, e Luka Hruzjak tinha andado a consultar a diretora da escavação — Hilary Russo — desde o primeiro dia.

Drake e Sully tinham ouvido tudo isto de Jada durante as últimas horas do voo de Montreal para o Cairo. Sabiam tudo o que havia para saber, pelo menos até que pudessem entrar em contacto com Ian Welch, cuja irmã Gretchen era a estudante de mestrado que tinha estado a trabalhar com Maynard Cheney no projeto do labirinto do Museu de História Natural, em Nova Iorque. Gretchen prometera assegurar a ajuda do seu irmão. Se não conseguisse cumprir essa promessa, tinham viajado uma enorme distância para nada.

Por agora, a sua tarefa mais importante era tentar não derreter.

Nuvens de pó erguiam-se dos pneus à medida que Chigaru conduzia o *Volvo* subindo a rampa de entrada na frente do Auberge du Lac e parava o carro num lugar de estacionamento do pequeno parque ao lado do hotel.

— Não estão assim tão perto da baixa da Cidade de Faium como poderiam desejar — disse Chigaru com o seu sotaque pomposo. — Mas este é um belo hotel. Certamente não iriam encontrar um hotel destes na cidade.

Drake pensou ter detetado um certo ressentimento, como se Chigaru se sentisse ofendido por eles não terem marcado as suas acomodações com ele. Perguntou-se se o egípcio magricela teria recebido uma parte do

valor dos seus quartos. Até poderia conseguir comprar armas, veículos e informações, que eram artigos mais caros, mas Drake suspeitava que Chigaru não se importaria de receber uma comissão por praticamente tudo. Tal como os guias turísticos que as recebiam das lojas de recordações se enviassem para lá os turistas, Chigaru queria a sua percentagem — uma oportunidade, como Sully dizia frequentemente, de “molhar o bico”.

— Parece bonito — concordou Jada, abrindo a porta. — Fico contente só de poder deitar-me.

Drake deslizou para fora do banco de trás e arrastou o seu saco desportivo consigo. Tinham parado no meio de nenhures — e “nenhures” poderia ser um exagero para a sua insignificância — para repartir por todos as armas que Chigaru tinha comprado para eles. Sully e Drake enfiaram pistolas FN 5-7 de fabrico belga em coldres de cinto no fundo das costas. Um coldre de ombro teria dado demasiado nas vistas, assim como um casaco vestido no calor do Egito. Com as fraldas das camisas de fora, as armas estariam escondidas, mas facilmente acessíveis.

Jada tinha pegado na SIG P250, uma arma mais pequena e mais compacta que levava menos balas. O seu pai tinha-lhe ensinado a disparar uma arma num campo de tiro no Norte de Nova Iorque, mas ela nunca tinha apontado uma arma a outro ser humano, por isso embora tenha aceite a arma com relutância, guardou-a no saco.

Com uma Cola gelada na mão, a garrafa de vidro a pingar, Sully saiu do carro e apoiou-se no tejadilho, olhando por cima deste enquanto Chigaru saía também.

— Sabes como conquistar um tipo, Chigaru — disse Sully. — Levas-me sempre aos sítios mais bonitos.

Chigaru sorriu e apalpou os bolsos, tirando os seus cigarros e um isqueiro.

— Daqui para a frente estão por vossa conta, meus amigos — disse ele, olhando em redor para os outros três. — O carro é vosso. Deixem-no no aeroporto do Cairo quando acabarem ou mandem-me uma *sms* e digam-me onde o abandonaram, que eu mando alguém para o ir buscar. Têm o meu número, caso precisem de mais alguma coisa.

Sully pegou no seu saco e deu a volta ao carro para dar um aperto de mão a Chigaru.

— Acho que temos tudo sob controlo, o máximo que podemos ter. Vou garantir que a segunda metade do teu dinheiro é transferida para a tua conta ainda antes que a minha cabeça pouse na almofada, esta noite.

Drake tirou outra garrafa de água da geleira que estava no carro. Por esta altura, o gelo já tinha quase derretido totalmente, mas as bebidas ainda estavam suficientemente frias para aliviarem a sede.



Chigaru fez uma pequena vénia e depois pousou as chaves do carro na mão de Sully.

— Boa caçada, meu amigo.

Jada e Drake agradeceram-lhe também e depois começaram a caminhar juntamente com Sully, em direção ao hotel. Chigaru permaneceu junto ao carro, encostado à bagageira com os seus óculos de sol a brilhar na luz do Sol do entardecer.

— Então, ele vai ficar ali parado? — perguntou Jada, em voz baixa.

— Um tipo tão estiloso? De certeza que alguém vai passar para o vir buscar — disse Drake.

— Estás é com ciúmes de não ter tanto estilo.

— O estilo é sobrevalorizado e é coisa do século passado. Eu sou rude e por vezes desajeitado, de uma forma adorável — respondeu Drake.

Antes que Jada pudesse preencher a abertura óbvia com uma piada bem-intencionada, Sully empurrou-os um para cada lado, separando-os com os ombros como um professor que estivesse preocupado que os jovens a seu cargo estivessem a dançar demasiado próximos num baile do liceu.

— Podem-se deixar de piadinhas lamechas? — disse Sully. — Estão a dar-me náuseas.

Drake fez um sorriso inocente. Teria gostado de dizer a Sully que só estava a tentar distrair Jada da morte do pai e do motivo pelo qual estavam no Egito para começar, mas não queria falar sobre isso com Jada mesmo ao lado deles.

— Tenho a certeza que o Chigaru tratou de arranjar transporte — disse Sully a Jada. — Calculo que se vá embora em menos de uma hora.

Drake olhou por cima do ombro para Chigaru, que estava encostado ao carro deles, a fumar, como se não tivesse uma única preocupação. Mesmo à distância, o homem parecia dominar o mundo à sua volta. Podia ter sido pouco mais do que um laçao contratado, mas evidentemente não via as coisas dessa forma.

— Assim que escurecer, eu vasculho o carro — murmurou Drake para Sully.

— À procura de quê? — perguntou Jada.

— Microfones — disse Sully. — Talvez explosivos.

Jada empalideceu.

— Acabámos de fazer uma viagem de mais de duas horas nesse carro.

— Ele não o mandaria pelos ares estando também lá dentro. É um empresário, não um bombista suicida.

Jada semicerrou os olhos e olhou para trás, para o parque de estacionamento. Já estavam quase à porta do hotel, mas ainda conseguiam ver Chigaru encostado ao carro. A rapariga franziu os lábios, irritada.

— Isso parece-me completamente errado. Vocês pagaram-lhe.  
Sully riu-se com suavidade.

— Há sempre alguém disposto a pagar mais, querida. Lembra-te disso. O dinheiro não compra mais do que um minuto de lealdade.

Drake olhou para lá do lago — agora visível apenas através das folhas de uma jovem palmeira — e apesar do brilho refletido pela água, viu aparecer uma lancha rápida prateada. Devia ter desligado os motores pouco depois, uma vez que pareceu parar de repente na água, subindo e descendo no seu próprio rasto à medida que estabilizavam e flutuavam, com a dianteira virada para apontar para o hotel como uma seta. Ou uma bala.

Estreitando o olhar, viu um segundo barco, aparentemente idêntico, a cerca de cem metros de distância, também a flutuar com a dianteira a apontar na direção do Auberge du Lac. A súbita chegada do segundo barco não podia ter nada a ver com eles — Drake sabia que seria demasiada coincidência — mas ambas as embarcações pareciam estar ali propositadamente, como se estivessem numa viagem de negócios e não de lazer.

Então Sully chamou-o, interrompendo a sua linha de pensamento, e Drake viu Jada a segurar a porta interior para eles. Drake seguiu-os para dentro, apreciando o interior frio e com ar condicionado do hotel, e as lanchas rápidas ficaram esquecidas.

Até aos anos 40, figuras políticas de todo o mundo tinham-se reunido e ficado hospedadas no Auberge du Lac para minicimeiras que ajudaram a determinar o destino das relações globais. O hotel ainda tinha o gosto dessa época passada, com as suas ventoinhas de teto preguiçosas e enormes janelas arqueadas e redondas, e a madeira trabalhada no vestíbulo que parecia insinuar a adoração do arquiteto por chalés de esqui suíços. Para Drake, parecia o tipo de lugar para onde Rick e Ilsa teriam fugido para um encontro romântico, se ao menos o *Casablanca* tivesse acabado de outra forma.

Sully olhou de relance para a direita, depois precipitou-se para a esquerda, assumindo uma posição de costas para um pilar. Daí, conseguia observá-los no balcão da receção e mesmo assim vigiar a porta e a maior parte do vestíbulo. Drake lutou contra a tentação de dizer uma piada. Tinha acabado o tempo das divagações. Assim que tinham entrado no vestíbulo, tinham entrado em território misterioso. Algures ali dentro havia pistas para o motivo pelo qual Luka Hzuajak tinha sido retalhado e abandonado numa plataforma de comboios, dentro de um baú antigo, e a natureza habitualmente maliciosa de Drake estava atenuada pela gravidade da morte do homem.

Drake e Jada aproximaram-se da receção. O homem que os cumprimentou mostrou-lhes apenas o vislumbre de um sorriso. O seu casaco vermelho estava impecavelmente engomado, e o seu cabelo grisalho e feições perfeitas pareciam ter passado pelo mesmo processo.

— Boa-tarde, cavalheiro — disse o homem, acenando com a cabeça primeiro para Drake e depois para Jada. — Senhora. Como posso ajudar-vos?

— Temos reservas. Este é o Sr. Merrill — disse Jada, apontando para Drake enquanto dava o nome que constava do passaporte falso. — A minha está no nome de Hzujak.

Jada soletrou o seu apelido para o funcionário do hotel. Drake estava contente por ela se ter lembrado de levar o seu passaporte verdadeiro quando tinham passado pelo apartamento onde ela tinha estado escondida, em Nova Iorque. Tinha viajado com os seus novos documentos de identificação, falsos — assim como tinham feito Drake e Sully — mas, aqui, era importante que ela fosse Jada Hzujak.

O rececionista bateu levemente nalguns botões do teclado do computador e analisou o monitor, fazendo uma careta. Tinha visto algo na reserva de que não tinha gostado. Aceitou os seus passaportes — o verdadeiro de Jada e o falso de Drake — e pousou-os ao lado do computador. Mais algumas pancadas, um pouco de malabarismo, e pouco depois estava a dar a Drake um pequeno envelope que continha um par de cartões magnéticos de plástico.

— A reserva do seu quarto é para duas pessoas, Sr. Merrill. Viaja com um Sr. David Farzan?

— Estou aqui — disse Sully, com a sua voz áspera a arrastar-se, embora tivesse falado num tom de sussurro. Acenou com uma mão enquanto caminhava a passos largos até ao balcão e pousava o seu passaporte falso em cima do balcão.

O rececionista sorriu e assentiu com a cabeça.

— Excelente — disse ele, aceitando o passaporte falso de Sully, introduzindo o número do passaporte e devolvendo-o depois. — Os cavalheiros estão no Quarto 137. Penso que esteja tudo do vosso agrado, mas se precisarem de alguma coisa, seja o que for, basta ligarem para a receção.

O rececionista franziu o sobrolho quando reparou que não tinham qualquer bagagem para além dos sacos desportivos, mas não comentou o facto. Em vez disso, passou outro envelope a Jada com o seu único cartão magnético lá dentro e devolveu-lhe o passaporte.

— Menina Hzujak, fica no Quarto 151.

Jada empertigou-se e abanou a cabeça.

— Não, isso está mal.

Drake e Sully trocaram olhares, apercebendo-se do que estava a acontecer.

— Eu falei com uma pessoa ao telefone — disse Jada enfaticamente. — É suposto eu ficar com o Quarto 213.

O homem de casaco vermelho semicerrou os olhos.

— Sim, estou a ver que há uma nota no sistema informático para esse efeito. Mas esse quarto não está disponível.

— Quer dizer que está ocupado por outra pessoa? — perguntou Drake. Não estava a gostar da impressão que o rececionista lhe estava a passar. Toda a situação parecia estranhamente tensa e constrangedora, e não apenas porque o funcionário do hotel não queria aborrecer os seus clientes.

— Não exatamente.

— O que significa “não exatamente”? — perguntou Sully. — Se o quarto não está ocupado, não tem razões para não lho dar.

O rececionista pareceu ficar sem palavras, irrequieto e nervoso, e olhou em redor, como se tivesse esperança de que aparecesse um supervisor para o salvar.

— Porque não falamos com o seu gerente? — sugeriu Drake. — Se não consegue explicar isto, chame-nos alguém que consiga.

Ofendido, o rececionista fungou com irritação. Voltou a olhar em volta, mas desta vez falou de forma furtiva, não querendo que mais ninguém o ouvisse.

— O quarto não está disponível porque está a ser restaurado. Houve alguns danos desde que foi ocupado pela última vez.

Desta vez, Drake percebeu, e não gostou do que ouviu. Um fio de suor frio escorreu-lhe pelas costas abaixo.

— Então, um dos vossos hóspedes destruiu o quarto? — perguntou.

— Evidentemente que não — disse o rececionista, sentindo-se ainda mais insultado, mas desta vez em defesa do hotel. — O Quarto 213 foi vandalizado. Estão a ser feitas reparações, mas se não se importam, isto não é algo que queiramos que os outros hóspedes saibam. Não é bom para a nossa reputação, compreendem?

— Compreendemos — disse Sully. — Mas, mesmo assim, ela precisa desse quarto. E se quer que fiquemos calados em relação aos vossos problemas, vai dar-lho.

Pela primeira vez, a expressão do rececionista passou da irritação para a fúria. Depois o seu sorriso voltou, forçado e falso.

— Cavalheiro, já lhe expliquei que isso é impossível.

Drake avançou para o balcão, inclinou-se e encostou-se, de forma a poder falar o mais baixo possível.

— Oiça, nós não queremos fazer aqui um espetáculo. Talvez a pessoa que combinou isto com a Menina Hzujak não lhe tenha explicado as circunstâncias, mas eu explico-lhas. Há várias semanas, o pai dela esteve hospedado no Quarto 213. Pouco depois do seu regresso a Nova Iorque, faleceu.

Um vislumbre de compaixão perpassou pelos olhos do rececionista. Era bom sinal. Drake avançou com confiança.

— Isto é a forma que ela tem de se despedir dele, percebe? E ela vai tê-la. Tenho a certeza que a maior parte dos danos feitos ao quarto já foram arrançados. As janelas estão partidas?

— Não, mas eu...

— Tudo o resto é cosmética. Mande uma empregada lá acima para pôr lençóis lavados na cama e dê-lhe a porcaria da chave do 213. Pode cobrar-nos o dobro do preço normal. Chame-lhe uma sobretaxa, o que quiser. Mas ela vai ficar com aquele quarto dentro da próxima hora, senão as coisas vão ficar *mesmo* caóticas.